



FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

YASMIN MORAIS FARIAS

I NEVER WANNA MISS YOU AGAIN: Uma análise da utilização do Tik Tok na
comunidade redpill no Brasil

Salvador

2024

YASMIN MORAIS FARIAS

I NEVER WANNA MISS YOU AGAIN: Uma análise da utilização do Tik Tok na
comunidade redpill no Brasil

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Jornalismo, área de Ciências Sociais Aplicadas, da UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, como requisito parcial para a Obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Leonor Graciela Natansohn

Salvador
2024

YASMIN MORAIS FARIAS

I NEVER WANNA MISS YOU AGAIN: Uma análise da utilização do Tik Tok na
comunidade redpill no Brasil

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Jornalismo, área de Ciências Sociais Aplicadas, da UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, como requisito parcial para a Obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Salvador, 02 de setembro de 2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Leonor Graciela Natansohn
Universidade Federal da Bahia

Prof. Dr. Ohana Boy Oliveira
Universidade Federal da Bahia

Prof. Dr. Valeska Maria Zanello de Loyola
Universidade de Brasília



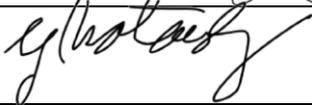
**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
COLEGIADO DO CURSO DE COMUNICAÇÃO**

Salvador, 02/09/2024 às 16:00

Ata de defesa pública de Trabalho de Conclusão de Curso

Nesta data, o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “**I never wanna miss you again. Uma análise da utilização do Tiktok na comunidade redpill no Brasil.**”, de autoria de *Yasmin Moraes Farias*, sob orientação de *Leonor Graciela Natansohn*, foi apresentado em sessão pública e avaliado pela comissão examinadora, composta por *Ohana Boy Oliveira* e *Valeska Maria Zanello de Loyola*.

Com base em escala de notas de 0,0 (zero) a 10,0 (dez), considerando-se a média exigida para aprovação de 5,0 (cinco), de acordo com o Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso do Colegiado de Graduação da Faculdade de Comunicação e com o Regulamento de Ensino de Graduação e Pós-Graduação da Universidade Federal da Bahia, foram atribuídos ao referido TCC as seguintes notas:

Tabela de avaliação	Nota	Assinaturas
Examinador(a) 1	10,0	
Examinador(a) 2	10,0	
Orientador(a)	10,0	

Média final (valor numérico): 10,0

Média final (por extenso): dez

Dedico este trabalho a todas as meninas e mulheres
que sobreviveram.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a mim mesma por finalizar este trabalho, agradeço a minha orientadora por acolher-me em sua paciência, dedicação e amabilidade. Agradeço aos meus pais e irmão. Agradeço ao meu gato Romeu por sempre permanecer detrás do meu laptop, ofertando apoio moral às minhas empreitadas acadêmicas. Agradeço às integrantes da banca por gentilmente aceitarem fazer parte desse momento. Agradeço a todas e todos que pavimentaram o caminho para que eu pudesse concluir este bacharelado como gostaria de fazê-lo.

"Feminismo requer precisamente o que a misoginia destrói nas mulheres: bravura incontestável em confrontar o poder masculino. Apesar da impossibilidade disso, há tal bravura: essas mulheres existem, em alguns períodos milhões e milhões delas." (Andrea Dworkin)

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo analisar como o fenômeno redpill se desenvolve no contexto brasileiro da plataforma Tik Tok, suas características, desenvolvimento algorítmico e a maximização dos discursos de ódio contra as mulheres através dos espaços digitais. A fim de atingir tal objetivo, foi realizada uma análise a partir de vídeos selecionados do perfil do influenciador Thiago Schutz no Tik Tok, conhecido como um dos nomes mais proeminentes da comunidade redpill brasileira. Os resultados apontam o movimento redpill como contribuinte para a radicalização de meninos e homens e sua adesão às perspectivas extremistas, favorecendo o aprofundamento da misoginia e de demais opressões produzidas contra indivíduos de outras minorias no Brasil. A pesquisa conclui que o Tik Tok se tornou um espaço propositivo ao crescimento do discurso de ódio, sendo utilizado por grupos masculinistas para promover o alcance de sua retórica.

Palavras-chave: Tik Tok; Redpill; Masculinismo; Masculinidade.

ABSTRACT

This research aimed to analyze how the redpill phenomenon develops in the Brazilian context of the Tik Tok platform, its characteristics, algorithmic development and the maximization of hate speech against women through digital spaces. In order to achieve this goal, an analysis was carried out using selected videos from the Tik Tok profile of influencer Thiago Schutz, known as one of the most prominent names in the Brazilian redpill community. The results point to the redpill movement as a contributor to the radicalization of boys and men and their adherence to extremist perspectives, favouring the deepening of misogyny and other oppressions produced against individuals from other minorities in Brazil. The research concludes that Tik Tok has become a space for the growth of hate speech, used by masculinist groups to promote their rhetoric.

Keywords: Tik Tok; Redpill; Masculinism; Masculinity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 — Tela de busca inicial do aplicativo Musical.ly	32
Figura 2 — Tela de exibição principal do Tik Tok	33
Figura 3 — Busca de hashtags no Tik Tok.....	37
Figura 4 — Pesquisa da Hashtag Red Pill Brasil presente no Tik Tok.....	40
Tabela 1 — Tabela do material recolhido — Vídeos de Thiago Schutz (Dados recolhidos no dia 16 de agosto de 2024)	46
Figura 5 — Página do podcast Pink & Pill no Youtube	51
Figura 6 — Captura de tela do vídeo publicado em 02 de junho de 2024 (Vídeo 01)	52
Figura 7 — Captura de tela do vídeo publicado em 03 de março de 2024 (Vídeo 02)	53
Figura 8 — Captura de tela do vídeo publicado no dia 08 de junho de 2024 (Vídeo 03)	55
Figura 9 — Captura de tela do vídeo publicado no dia 28 de março de 2024 (Vídeo 04)	57
Figura 10 — Captura de tela do vídeo publicado no dia 21 de fevereiro de 2024 (Vídeo 05).....	58
Figura 11 — Captura de tela do vídeo publicado no dia 30 de maio de 2024 (Vídeo 06)	61
Figura 12 — Captura de tela do vídeo publicado no dia 02 de agosto de 2024 (Vídeo 07)	62
Figura 13 — Captura de tela do vídeo publicado no dia 01 de agosto de 2024 (Vídeo 08)	64
Figura 14 — Captura de tela do vídeo publicado no dia 30 de julho de 2024 (Vídeo 09)	65
Figura 15 — Captura de tela do vídeo publicado no dia 23 de julho de 2024 (Vídeo 10)	66
Figura 16 — Captura de tela do vídeo publicado no dia 08 de agosto de 2024 (Vídeo 11)	69
Figura 17 — Captura de tela do vídeo publicado no dia 07 de junho de 2024 (Vídeo 12)	70
Figura 18 — Captura de tela do vídeo publicado no dia 04 de março de 2024 (Vídeo 13)	71
Figura 19 — Captura de tela do vídeo publicado no dia 02 de julho de 2024 (Vídeo 14)	72
Figura 20 — Captura de tela do vídeo publicado no dia 04 de junho de 2024 (Vídeo 15)	74

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
MGTOW	Men going their own way
INCEL	Involuntary celibatarian

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	1.2 IMPASSES METODOLÓGICOS PERANTE OBJETOS FUGIDIOS...	15
2	MARCO TEÓRICO	19
2.1	2.1 A CONSTRUÇÃO DO MASCULINO E O COLONIALISMO	19
2.1.1	2.2 Masculinismo e a crise dos varões	23
2.1.1.1	2.3 A violência de gênero on e off-line	26
2.1.1.1.1	2.4 O Tik Tok	31
3	METODOLOGIA	42
4	RESULTADOS	46
4.1	4.1 APRESENTANDO A TOCA DO COELHO	48
4.1.1	4.2 Cortes de Podcast em vídeo com teor masculinista no Tik Tok ..	50
4.1.2	4.3 Respondendo aos fãs no Tik Tok	59
4.1.2.1	React à vídeos com teor masculinista no Tik Tok	68
5	CONCLUSÃO	76
	REFERÊNCIAS	79

1 INTRODUÇÃO

A primeira vez em que me deparei com o termo redpill ocorreu no ano de 2019. A nefasta descoberta se deu em razão do atentado conhecido como o massacre de Suzano, na Escola Estadual Professor Raul Brasil, no estado de São Paulo. Desde então, acompanhei o crescimento gradual dos grupos masculinistas no Brasil, desde a descoberta de associações criminosas em fóruns na superfície, até a ascensão de movimentos nas redes sociais mainstream.

Após a sua chegada à rede social chinesa Tik Tok, o movimento redpill vivenciou um dos seus primeiros apogeus no início da década de 2020, durante o período pandêmico. Dentre os símbolos escolhidos por seus adeptos mundo afora, se pode citar a canção Miss You, dos artistas Oliver Tree & Robin Schulz, lançada no ano de 2022, a qual foi compartilhada em inúmeros vídeos relacionados ao tema no Tik Tok e dá título a este trabalho.

Em sua letra, a canção narra a história de um homem que decide se separar após sentir-se manipulado e desprezado por sua parceira. O eu lírico afirma que reconstruirá a sua vida longe da mulher que o desprezara, alegando que jamais sentirá a sua falta novamente. A escolha desta canção, tanto para representar um aspecto do movimento redpill como para nomear este trabalho, me pareceu apurada na medida em que sua mensagem dialoga com a premissa inicial do movimento: o ressentimento misógino e o desejo de retomar a imposição clássica dos papéis de gênero, na qual os homens não se sintam vulneráveis ou descartáveis perante as mulheres.

O movimento redpill ressurgiu em um contexto no qual, após as eleições de Donald Trump no ano de 2016, da ascensão dos movimentos de extrema-direita e das teorias conspiratórias, o reavivamento de conceitos tais como o nacionalismo e o masculinismo foi estimulado frente às ebulições sociais nos direitos das mulheres e dos grupos politicamente minoritários em alguns países. Tais experiências sociais trouxeram à tona a crise exposta na masculinidade estruturalmente construída para o homem branco heterossexual e ocidentalizado.

Como oposição ao feminismo e às modificações no contexto sócio- histórico contemporâneo, alguns grupos masculinistas ou do autodenominado ativismo masculino, encontraram um solo fértil no sentimento de inadequação de jovens homens que, após crescidos, se perceberam em um mundo que já não havia sido feito completa e exclusivamente à sua imagem e semelhança. Nesse cenário, o reagrupamento desses indivíduos em versões alternativas da realidade, os conduz à adoção de determinadas mitologias, como a presente na trilogia de filmes e jogos norte-americana Matrix (1999).

Segundo a ideologia adotada pelos masculinistas autoidentificados como redpills, aqueles que, assim como o personagem Neo, aceitam tomar a pílula vermelha, despertam para a 'realidade'. Sob a perspectiva do grupo, tal 'realidade' se constitui na crença de que homens são a casta sexualmente oprimida nas sociedades contemporâneas; substituíveis, explorados e que devem lutar ativamente contra o papel opressor das mulheres e dos relacionamentos românticos em suas vidas. Nessa empreitada, o objetivo primordial da casta masculina deve exibir-se através de uma perspectiva autocentrada e na busca por uma reconexão com os tempos áureos da masculinidade hegemônica.

Visando alcançar os objetivos aqui propostos, este trabalho se dispôs a realizar uma análise a partir das suas delimitações para:

- Compreender como o fenômeno redpill se desenvolve no contexto brasileiro da plataforma Tik Tok, suas características, desenvolvimento algorítmico e a maximização dos discursos de ódio contra as mulheres através dos espaços digitais.

- Entender como funciona a rede social Tik Tok, quais são as suas regras, permissões e interdições que possibilitam a existência e crescimento desses grupos; analisar o contexto brasileiro na rede e sua influência na organização digital dos grupos extremistas que a utilizam a fim de atrair novos adeptos e propagar a sua ideologia.

- Analisar vídeos selecionadas a partir do Tik Tok nos quais há presença de Thiago Schutz, fomentador do movimento autodenominado redpill no Brasil.

- Observar a construção narrativa empregada pelos redpills brasileiros na constituição de sua identidade mediática, o uso de vídeos e outros recursos retóricos típicos da rede social que utilizam.

No centro das interações entre usuários e plataforma nos nichos masculinistas, Thiago Schutz, que se apresenta como escritor, palestrante, produtor de conteúdo e podcaster, desponta como um dos mais significativos influenciadores no cenário redpill brasileiro, figurando com mais de 300 mil seguidores em seu perfil na rede social Instagram. Schutz atua igualmente como prestador de serviços em consultoria masculina, se tratando de uma figura central no processo de saída do limbo das perspectivas redpill para a sua chegada aos holofotes nacionais. Dentre suas atuações, um dos momentos de maior controvérsia ocorreu em fevereiro de 2023, quando o mencionado produtor de conteúdo ameaçou de morte a atriz Livia La Gatto, por produzir vídeos ironizando o discurso masculinista endossado por ele através de suas plataformas (Dias; Tomas, 2023).

A repercussão desse caso trouxe à tona o crescimento exponencial das articulações no escopo dos movimentos masculinistas do Brasil, cuja finalidade tem sido angariar visibilidade e introduzir seus discursos em espaços de destaque. Aqueles que outrora se reservavam aos fóruns privados na internet, passaram a permitir-se estar na superfície, se mostrando altamente versados no que tange a utilização das ferramentas digitais na concretização de seus objetivos.

A rede social Tik Tok (ex Musical.ly), trouxe consigo uma ferramenta jamais vista nas redes sociais ocidentais, a reprodução automática de vídeos curtos em um feed infundável que se reagrupa *ad infinitum* conforme a atenção do usuário é capturada. Apesar de seu lançamento mundial no ano de 2016, o ápice da rede social nos países ocidentais, ocidentalizados e, em especial no Brasil, se deu entre os anos de 2020 e 2021, durante a pandemia de COVID-19. O confinamento e as restrições no convívio social físico foram essenciais na

maximização do tempo de tela dos brasileiros durante o período pandêmico. Não obstante, eventos digitais se tornaram proeminentes, acompanhados de livestreams e da criação de guetos cada vez mais específicos no âmbito das redes sociais.

Segundo pesquisa conjunta realizada pelas Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal de Viçosa (UFV), Universidade Federal de Lavras (UFLA) e pela Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop), durante o ano de 2021 o tempo de tela dos brasileiros sofreu um aumento de 54% (Rosa, 2021). A construção de um cenário propício ao uso excessivo das tecnologias digitais impulsionou a nova rede social que possui como maior apelo a criação de um ambiente no qual o usuário é bombardeado com vídeos específicos, construindo um universo particular para si, a “for you”.

No contexto da rede social Tik Tok, vídeos que capturam a atenção do indivíduo por uma determinada quantidade de segundos, tendem a ter a sua temática privilegiada na página inicial personalizável destinada ao usuário, o conduzindo assim a uma repetição do padrão. Uma vez fisgado por determinadas temáticas, o indivíduo permanece em um viés de visualização de vídeos no modelo de rolagem infinita. Graças ao funcionamento padronizador dos algoritmos da rede, grupos masculinistas encontraram uma maior facilidade para a formação de conexões entre si e no desenvolvimento de um proselitismo mais elaborado. Dessa forma, identificar perfis vulneráveis aos discursos redpill através do número de curtidas e compartilhamentos de determinados usuários, se tornou mais eficaz.

Ao decorrer desta investigação, foram empregues esforços no sentido de compreender as nuances da rede social Tik Tok e sua utilização por parte do grupo masculinista, assim como as influências das noções clássicas em torno da masculinidade na comunidade redpill.

No segundo capítulo, evidenciamos a fundamentação teórica da presente investigação, abordando aspectos cruciais em torno do colonialismo, da ascensão e crítica social às noções de masculinidade hegemônica, das mitologias utilizadas na comunidade redpill e da violência contra a mulher nos espaços digitais.

Ainda nesse tópico, esmiuçamos aspectos centrais da rede social Tik Tok, suas permissões e interdições, e os usos que lhe são destinados.

No terceiro capítulo, explanamos os aspectos constituintes do objeto investigado, o método aplicado à investigação, seus objetivos e os materiais recolhidos ao decorrer do processo investigativo.

No quarto capítulo, trouxemos os resultados da análise dos materiais recolhidos, alinhando-os à interpretação feita à luz da fundamentação teórica, expondo os indícios extremistas no discurso endossado pela comunidade redpill e sua repercussão na rede social Tik Tok.

No quinto capítulo, abordamos os resultados encontrados, suas implicações no cenário atual e os ecos em futuras investigações acerca da temática presente.

Em razão da discussão construída, o objetivo principal desta pesquisa foi compreender como os discursos de redpills proeminentes, como o produtor de conteúdo Thiago Schutz, juntamente aos imbricamentos do cenário digital contemporâneo brasileiro, contribuíram para a comunidade redpill no país e como as funcionalidades da rede social Tik Tok auxiliam grupos masculinistas em sua busca por novos adeptos e nas estratégias de coesão em seus agrupamentos ideológicos.

1.1 1.2 IMPASSES METODOLÓGICOS PERANTE OBJETOS FUGIDIOS

Ao decorrer da pesquisa, situações específicas trouxeram uma tônica diferenciada à análise. Dentre elas, a suspensão temporária das redes sociais do influenciador Thiago Schutz durante o processo por ameaça e violência psicológica contra a atriz Lívia La Gatto e a sambista Bruna Volpi, assim como o arquivamento do caso pelo período de dois anos, datando de 2023 (G1, 2023). Isso ocorreu quando o trabalho de observação estava avançado. Além dessas

ocorrências, a retomada do influenciador na rede social Tik Tok seguiu menos proeminente, lhe conduzindo a ofertar um foco maior ao Instagram, rede social na qual o seu perfil pessoal havia sido suspenso, lhe fazendo migrar completamente para o perfil profissional, antigo “Manual Red Pill” e atual “Thiago da Cruz (Schutz)” (DW, 2023). Sob circunstâncias desconhecidas ao público, o influenciador manteve menos seguidores em seu perfil oficial no Tik Tok.

Entretanto, Thiago segue compartilhando conteúdos na rede social de vídeos curtos. Tal situação gerou um impasse impensado para o trabalho de pesquisa, considerando que antes desses episódios, Schutz possuía mais relevância do que atualmente. Contudo, decidi continuar a investigação e incorporar estes novos elementos a ela. De fato, o *corpus* de análise sofreu algumas alterações, pois não pude manter o acesso aos vídeos postados antes da suspensão.

Ademais, ainda que permanecendo enquanto um dos representantes da comunidade redpill no Brasil, o influenciador passou a ser questionado por seus pares após assumir um relacionamento amoroso com a perita criminal Isabela Magoga em 2024. Desde então, ainda que tenha mantido sua relevância no cenário, Thiago passou a ser visto com certa ressalva, haja vista ter iniciado um relacionamento com uma mulher que está fora dos padrões pré-estipulados pelo grupo redpill, usualmente taxativos quanto a idade e ao comportamento feminino.

Além do referido relacionamento, se faz digno de nota que anterior à sua filiação pública ao movimento redpill, Thiago Schutz realizou uma participação no reality show “O Crush Perfeito”, da Netflix, no ano de 2020 (Barbosa, 2023). Durante o programa, Thiago foi um dos pretendentes a tentar conquistar uma mulher na faixa dos cinquenta anos, tendo sido rejeitado. Após o episódio, a postura do influenciador enquanto figura pública foi construída de maneira completamente antagônica às mulheres de meia-idade.

Apesar do impasse quanto ao maior foco do influenciador no Instagram, a suspensão de um dos seus perfis e a perda de determinados materiais na rede social Tik Tok, decidi manter a análise centrada nessa rede social. Contudo, utilizando os vídeos que foram re-compartilhados em sua conta atual no Tik Tok. Ao considerar o caráter mutável, fugidio e específico do objeto, me ative aos materiais recapturados e aos desdobramentos considerados essenciais que se sucederam até o momento de

finalização desta análise. Cabe destacar que os motivos da suspensão argumentados pela rede social não são de conhecimento público. Podemos considerar algumas hipóteses: denúncias de usuárias/os, transgressão às políticas de publicação da plataforma, mas, de fato, ignoramos o motivo.

Tal decisão se fundamenta sobretudo na importância do debate em torno da ascensão dos movimentos masculinistas no Tik Tok, rede social com enorme potencial mobilizador. No ano de 2024, o número de usuários brasileiros está em torno de 98,59 milhões, tendo em vista que à frente da rede social estão somente as redes geridas pela META e o Youtube (mLabs, 2024), as quais já foram extensamente analisadas na literatura.

Deste modo, os esforços empregues na análise a partir da rede social Tik Tok se exibem não somente necessários, mas também como adições pertinentes aos estudos sobre o masculinismo nas redes sociais, a formação de grupos radicalizados a partir de premissas misóginas, como as influências da mediação algorítmica nas redes contribui para a ascensão de determinados grupos extremistas e da falta de transparência nas políticas de publicação das plataformas.

2 MARCO TEÓRICO

O embasamento teórico deste trabalho realiza a utilização de autores cujas contribuições se definem a partir dos domínios do estudo do colonialismo, dos estudos de gênero e de seus desdobramentos em vertentes tais como o masculinismo e o apelo das perspectivas extremistas, além da plataforma de rede social que se configura como objeto desta investigação. Busca, deste modo, analisar os seus aspectos constitutivos no estudo das identidades extremistas, com especial foco nas dinâmicas das redes sociais, dos indivíduos e na investigação que irá se concretizar no intuito de compreender aspectos-chave da identidade redpill no contexto brasileiro a partir de uma análise de conteúdo do influenciador Thiago Schutz.

2.1 2.1 A CONSTRUÇÃO DO MASCULINO E O COLONIALISMO

No intuito de assimilar como as novas dinâmicas em torno das minorias políticas, os debates acerca da retomada conservadora na sociedade brasileira e a ascensão de grupos antifeministas ou autodenominados masculinistas (Vilaça, 2023) tem se transformado nas últimas décadas, se faz necessário compreender as condições de avanços e retrocessos sociais para grupos minoritários no Brasil. No contexto atual, as minorias políticas permanecem no limiar da marginalização, mas agora sendo submetidas às dinâmicas mediadas pela lógica algorítmica das redes sociais, do extrativismo de dados e da organização estrutural da realidade contemporânea a partir da experiência digital (Natansohn, 2022).

Nesse contexto, no qual impera uma dualidade construída na quebra da promessa patriarcal de exercício pleno da masculinidade através de próteses de potência masculina (Gonçalves, 2021) como o status social e o poder econômico, grupos masculinistas tendem a mobilizar a revolta que surge quando o homem

médio ocidentalizado se depara com um mundo repleto de limitações socioeconômicas e culturais que o impossibilitam de exercer plenamente o ideal hegemônico de masculinidade, (Vilaça, 2023) transferindo a culpa de sua frustração às minorias políticas, com especial foco nas mulheres, nas comunidades negras e pessoas LGBTQ+, tornando-as alvo recorrente da revitimização.

A fim de compreender os fatores presentes nesse contexto, se faz necessária a conceitualização da masculinidade hegemônica, termo cunhado pela socióloga transexual Raewyn Connell e aprofundado nas obras *Gender and Power: Society, the Person and Sexual Politics* (Connell, 1987) e *Masculinities* (Connell, 2005). No escopo da teoria da ordem de gênero de Connell, a masculinidade hegemônica se categoriza como a configuração que legitima a posição dominante ocupada pelos homens e a subjugação sócio-histórica das mulheres e de demais grupos marginalizados. O conceito de Connell deriva da teoria da hegemonia cultural de Antonio Gramsci, valendo-se a fim de exemplificar como um grupo social pode sobrepor-se a outro através das dinâmicas culturais. Neste caso, abordando as diferenças sociais entre homens e mulheres.

No Brasil, as estruturas hierárquicas se fundamentam em pilares originados na masculinidade hegemônica, nos processos coloniais, na escravização e nas explorações múltiplas de indivíduos trazidos de África ou originários da América do Sul. Tal *modus operandi* foi essencial para que a estratificação social brasileira se edificasse através de suas profundas raízes na desigualdade socioeconômica.

Quando o europeu chegou à África, nossas antepassadas foram arrancadas do convívio de seus filhos, de suas famílias e de seus povos, transformadas em mercadorias e vendidas por bons preços para trabalharem até o fim de seus dias numa terra absolutamente desconhecida. As que não morriam nos malfadados navios negreiros, ao chegarem aqui, eram dirigidas para dois tipos de atividades: a escrava de oito trabalhava nas plantações, e a mucama, na casa grande. Tanto uma como a outra nada mais foram do que as avós da trabalhadora rural e da doméstica de hoje. (Gonzalez, 2020, p.201-202).

Conferindo o caráter colonial da estratificação social à brasileira, Lélia Gonzalez narra a construção de um paradigma racial e de gênero que afeta as dinâmicas de poder entre homens e mulheres no contexto brasileiro. Se por um lado houve uma promessa de exercício pleno da masculinidade, por outro, mulheres racializadas foram

destinadas a um espaço social atrelado ao trabalho de cuidado e servidão a outrem, discurso que juntamente às noções de feminilidade, corrobora com a retórica masculinista da mulher que nasceu para servir (Déri, 2022).

Se faz necessário compreender que a incidência da extrema violência colonial nas terras brasileiras é um sintoma predominante nas interações sociais

entre Norte e Sul global, tal como a própria colonialidade do poder, que se organiza a fim de manter a hegemonia do pensamento ocidental face às outras formas de produção de saberes e organizações sociais fora do Norte global (Quijano, 1999). A propagação de expectativas de gênero produzidas a partir das perspectivas ocidentais aqui fixadas através de um processo colonial (Gonzalez, 2020) e categórico, contribuiu para a produção de uma masculinidade que se baseia, sobretudo, em submeter e dominar, favorecendo o discurso construído a partir do paralelo eurocêntrico “homem/dominação”, “mulher/submissão”, “nações dominantes/nações dominadas” (Quijano, 1999).

Ainda que na modernidade eurocêntrica capitalista sejamos todos/as racializados/as e um gênero nos seja atribuído, nem todos/as somos dominados/as ou vitimizados/as por esse processo. O processo é binário, dicotômico e hierárquico. Kimberlé Crenshaw, eu e outras mulheres de cor feministas argumentamos que as categorias são entendidas como homogêneas e que elas selecionam um dominante, em seu grupo, como norma; dessa maneira, “mulher” seleciona como norma as fêmeas burguesas brancas heterossexuais, “homem” seleciona os machos burgueses brancos heterossexuais, “negro” seleciona os machos heterossexuais negros, e assim sucessivamente. (Lugones, 2020, p. 58).

Os discursos misóginos readaptados no cenário digital não apresentam ineditismo em um país que ocupa a quinta posição no ranking mundial de feminicídios (Uol, 2023), mas carregam consigo um grau de periculosidade ao reafirmarem a permanência de dinâmicas coloniais de gênero (Lugones, 2020) na conjuntura brasileira. Nesse quesito, se faz notório sinalizar que segundo o senso de 2022, o Brasil é um país de população majoritariamente feminina. Por conseguinte, o estudo dessa temática se baseia na importância da produção de uma retórica frente às construções discursivas que visam afetar grupos historicamente marginalizados.

Nesse cenário, a investigação das influências e usos das redes sociais nos movimentos de características extremistas, tais como os grupos masculinistas autodenominados redpill, se exhibe fundamental não apenas em razão dos estudos

dos papéis sociais de gênero no contexto contemporâneo, como também para compreender os imbricamentos da masculinidade nos jovens e os desdobramentos que podem conduzi-los ao pensamento extremista. A criação de comunidades em redes sociais nas quais ocorre o recrutamento e o uso de perfis fakes e bots a fim de difamar mulheres ou veicular discursos de ódio, se exhibe como uma crescente estratégia de segmentação, reproduzindo lógicas de polaridade e perseguição de minorias políticas.

Face aos desafios propostos pelas dinâmicas atualizadas no cenário digital, compreender o potencial de adesão das identidades extremistas, em especial daquelas que glorificam o ideal de poder masculino eurocêntrico, é de suma importância a fim de que se realizem significativas contribuições no cenário dos estudos da masculinidade e se busque favorecer as discussões acadêmicas acerca da temática.

Nesse contexto, obras tais como *A crise da masculinidade: Anatomia de um mito persistente* (Déri, 2022), e produções de cunho audiovisual, como *The Mask You Live In* (Newson, 2015), são utilizadas no intuito de pavimentar o caminho que nos conduzirá na busca de respostas para os profundos dilemas na masculinidade contemporânea.

2.1.1 2.2 Masculinismo e a crise dos varões

No intuito de compreender aspectos inerentes à masculinidade, ao privilégio masculino e aos movimentos masculinistas contemporâneos, Francis Dupuis-Déri serve como base para as discussões propostas. Na obra *A crise da masculinidade: Anatomia de um mito persistente* (Déri, 2022), Déri aborda a emergência dos discursos pró masculinismo no cenário contemporâneo, salientando o teor cataclísmico empregado pela retórica masculinista no que tange a reconfiguração das identidades de mulheres e homens no contexto atual.

A masculinidade, como construção social, carregara em si uma função unificadora. Todo o conceito da masculinidade, do macho alpha ao afeminado, traria uma mensagem de oposição à feminilidade e ao feminino. O masculino, no interior dessa perspectiva, se constrói a partir de uma negação ao feminino (Horrocks, 1994). Dessa forma, a retórica edificada pelos discursos masculinistas no cenário digital, busca não somente a retroalimentação de uma identidade construída naquilo que se define como os ideais de uma masculinidade hegemônica, como também se aloca em uma cruzada rumo à ratificação da suposta superioridade masculina face às mulheres.

Percebe-se assim, que no cenário social contemporâneo, as reivindicações feministas e os avanços edificados por grupos minoritários não se desenvolveram sem que houvesse uma forte represália que se materializa não apenas no movimento redpill como também em demais comunidades masculinistas e seus desdobramentos, tais como as conexões com o discurso fundamentalista religioso, o universo dos INCELS (celibatários involuntários) e dos conservadores, assim como em produtos mais finos, como a subcultura digital das *stay at home girlfriends* (Gill, 2023), mulheres jovens que abdicam de suas carreiras a fim de se tornarem as “esposas troféu” de homens economicamente bem-sucedidos.

No centro do fenômeno, se pode citar a criação de um ecossistema masculinista datado do final dos anos 1990, nos primórdios da rede mundial de computadores, especialmente nos Estados Unidos. Desenvolvendo-se como uma subcultura no cenário digital, a machosfera (em inglês, *manosphere*), foi um espaço no qual inúmeras comunidades de perspectivas masculinistas, que buscavam uma fusão com o mundo *geek* e se nutriam da frustração masculina face aos avanços femininos na cultura, surgiu (Vilaça, 2023). Nesse cenário, redes sociais como os fóruns e *chans*, foram essenciais para o desenvolvimento de uma mitologia própria, como a lógica do movimento redpill, que se baseia em uma das múltiplas interpretações da quadrilogia Matrix.

Apesar de datada dos meados da década de 2000, o renascimento da ideologia redpill fortaleceu-se a partir dos representantes de sua comunidade, ao

assumirem o papel de *speakers*, “portadores da palavra”, que além de conduzir o movimento à superfície, também se engajaram em novos processos de adesão e mobilização dos grupos (Vilaça, 2023). Apoiando-se nos pilares conservadores da própria cultura, como as noções de masculinidade, o mito do homem provedor, a religiosidade e uma busca pelo lúdico através de elementos da cultura pop e dos memes, os grupos masculinistas desenvolveram mecanismos de forte adesão, fortalecendo-se consideravelmente no Brasil a partir de 2017, durante o processo eleitoral do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro.

Apesar da emergente crença de que as modificações na sociedade ocorrem em um espaço supostamente natural, a realidade social tende a exibir que a obtenção de direitos acontece nos tensionamentos, no jogo de atração e repulsão entre aqueles que detêm o poder e aqueles que anseiam por obtê-lo. Se faz notório que a influência das mediações, neste caso, realizadas pela performance algorítmica das redes sociais, modificam abordagens, estratégias e a forma como as relações se estabelecem entre os indivíduos no escopo de grupos que buscam angariar adeptos (Natansohn, 2022).

No cenário construído através da mediação algorítmica, as técnicas empregadas a fim de promover discursos e fundamentar o desenvolvimento de identidades que, mesmo híbridas, carregam consigo um alto teor de personalização, como a evocação do mito da masculinidade (Déri, 2022), sustentam a interação constante e indissociável do indivíduo-usuário com as demais ferramentas que edificam o mundo contemporâneo.

Ao abordar uma das facetas mais adotadas por grupos masculinistas em torno das noções de masculinidade, se notam as perspectivas que preponderaram no pós-guerra através da veiculação dos signos de poder, paternalismo e conservadorismo associados a masculinidade hegemônica da época (Déri, 2022). A percepção social de como um homem deve se portar a partir das construções da masculinidade, dentro das condições existentes nas sociedades ocidentais e nas periferias do capitalismo, ainda se fundamentam no modelo hegemônico (Lugones, 2020). Após a retomada das reivindicações

feministas na América do Norte e na Europa nos anos 1960, a identidade masculina hegemônica experimentou uma das suas inúmeras crises desde então.

O movimento redpill pode ser percebido como um efeito rebote da dissolução dos papéis fixos de gênero e das expectativas arcaicas em torno da própria feminilidade e da masculinidade (Gonçalves, 2021). Ainda que mulheres não tenham alcançado direitos sexuais e reprodutivos plenos ou uma diminuição significativa nos índices de violência sexual e feminicídios, o simples impacto na coluna de mármore do patriarcado de marca brasileira foi suficiente para gerar tensões e contribuir para o fortalecimento de perspectivas extremistas.

Desse modo, se compreende que o fenômeno redpill é, de maneira perceptível, o produto de uma cultura que se baseia na definição de identidades cada vez mais adaptáveis, híbridas e segmentadas, cultivadas apenas na relação íntima e volátil entre o indivíduo, os meios e os objetivos na interação mediada, partindo de um esforço de reagrupamento e interconexão de grupos (Latour, 2012). Dessa forma, os discursos e construções imagéticas que seduzem, atraem e repelem, produzindo comunidades cada vez mais específicas, podem surgir enquanto construções potencialmente perigosas quando articuladas sob a insígnia da radicalização fundamentalista.

2.1.1.1 2.3 A violência de gênero on e off-line

Ao instaurar sua presença nos primórdios da internet norte-americana, as esferas *cyber*-sociais nas quais o masculinismo encontrou espaço auxiliaram na amplificação de discursos conservadores durante as reivindicações feministas de segunda onda nos ecossistemas de produção de conhecimento, como universidades, conferências e agrupamentos comunitários (Vilaça, 2023). Desse modo, se pode conceber uma perspectiva antagônica, organizada no espaço em que os avanços teóricos no campo do feminismo norte-americano emergiram ao mesmo tempo em que a antítese masculinista ganhava corpo nos guetos digitais a

partir de teorias focadas em darwinismo social e releituras sociais que datam desde a idade média.

Munidos da crença em uma suposta inferioridade feminina (Vilaça, 2023), a autodenominação “masculinismo” se relaciona com a ânsia pela formulação de uma referência ao próprio feminismo, construindo discursivamente a impressão de que homens auto-organizados em torno desses discursos, estão exercendo o seu direito à antítese, afastando-se assim de uma percepção inicial extremista. Percebemos as engrenagens de tal estratégia, na instauração de demais termos que insistem em construir uma correlação com terminologias das teorias feministas, como “misoginia”, que no final da década de 1980, passou a ter o seu termo antagonista referenciado na internet norte-americana, a “misandria” (Vilaça, 2023).

Ademais, se faz necessário compreender que a violência de gênero nos espaços digitais está profundamente entrelaçada aos demais aspectos expostos nos tensionamentos descritos no conceito de interseccionalidade (Crenshaw, 2002). No contexto brasileiro, mulheres negras constituem a parcela mais visada em termos de discriminação online, em especial, em redes sociais tais como o X formely Twitter. No ano de 2020, a filósofa e autora Djamila Ribeiro veio à público anunciar que estava entrando com uma ação pública contra a rede social citada em razão de ataques racistas que vinha recebendo e das ameaças de morte contra a sua família (Vogue, 2020). Na ocasião, a escritora citou os lucros obtidos pelo X formely Twitter às custas do racismo e da afromisoginia (Farias, 2018).

A tese de doutorado de um homem negro, Luís Silvério, mostra que 81% dos discursos de ódio no Twitter são direcionados às mulheres negras. Os últimos ataques que sofri, que culminaram numa ameaça à minha filha, foram a gota d'água. [...] Toda vez em que vamos parar no trending topics as empresas vão lá e anunciam. Eles estão lucrando com a exploração do racismo e da misoginia”, prosseguiu Djamila.
(Vogue Brasil, 2020).

Os tensionamentos descritos por Djamila Ribeiro, se corporificam no cruzamento das opressões sobre indivíduos minoritários no Brasil, que encontram

solo fértil no cenário digital do país. Afinal, além de majoritariamente feminina, a população brasileira é igualmente formada por uma maioria de pessoas pretas e pardas segundo o senso de 2022. A violência contra a mulher no espaço online produz discursos que se vinculam de modo íntimo à colonialidade de gênero (Lugones, 2020) e ao esquema das estratificações de raça e classe na sociedade brasileira. Tendo em vista que integrantes dos grupos minoritários constituem o grupo mais afetado pelo discurso de ódio nas redes sociais, se faz necessário compreender que as dinâmicas de poder estabelecidas nesse cenário estão fundamentadas no regime de discriminações que vigora no Brasil desde a sua colonização.

É preciso destacar e insistir em que as relações generizadas estão, sempre, racializadas, e que o gênero jamais determina por si mesmo as formas, características e intensidades dessas injustiças. Pessoas indígenas, negras, latinas, territorialmente longe dos centros urbanos são, também, indivíduos generizados e racializados, além de, em geral, estarem em desvantagem econômica e política. No ambiente digital, as iniquidades, injustiças e danos são comprovadamente piores para esses sujeitos, suas comunidades e organizações. (Natansohn, 2022, p. 3).

Percebe-se que de tal modo, os índices de violência de gênero no espaço online e seu enviesamento para categorias de mulheres ainda mais marginalizadas na estrutura patriarcal-racista-capitalista, (negras, indígenas, lésbicas, pobres, PCDs, neurodivergentes etc.), não se trata de um produto aleatório das interações sociais, mas sim de uma consequência embasada nos desdobramentos estruturais que tais violências possuem no âmbito sócio-histórico do país.

No ano de 2024, o X formerly Twitter foi bloqueado durante alguns meses no Brasil em razão da negativa do empresário Elon Musk, proprietário da rede social, em indicar um representante legal para a empresa no Brasil. A punição infligida pelo ministro Alexandre de Moraes se tratou de um marco no quesito penalização de redes sociais no Brasil, haja vista o crescimento das discussões em torno da necessidade de regulamentação das redes e de seus trâmites pouco transparentes.

O desenvolvimento do discurso misógino no cenário digital, se exhibe igualmente através de novas trends e hashtags que retornam a partir de uma ideologia vinculada ao conservadorismo, como no caso do fenômeno das *tradwives*, mulheres que se inspiram na estética norte-americana dos anos 1950 e em estereótipos de gênero conservadores sobre feminilidade e casamento, a fim de defender a percepção de que

mulheres devem não somente abdicar do mercado de trabalho, como se tornar esposas tradicionais e submissas aos seus maridos (Albuquerque, 2024).

No contexto do avanço conservador no ambiente digital brasileiro, figuras como as *tradwives* ocupam um papel emblemático na validação do discurso masculinista que preza pela permanência dos papéis clássicos de gênero e a expulsão de mulheres da vida pública. Através do fortalecimento de um discurso pró- masculinista que se edifica nas noções arcaicas de religião, Estado e demais instituições tradicionalmente masculinas, determinados grupos de mulheres incorporam um comportamento social ideologicamente conservador no intuito de disputar espaços de poder dentro da própria lógica masculinista.

Essa tentativa de se tornar perfeita aos olhos dos homens e de deus pode levar as mulheres a se verem e agirem como “one of the boys”. Assim, mulheres acabam lutando contra seus próprios interesses na tentativa de alcançar suas ambições individuais. Porém, eventualmente elas acabam descobrindo que são também mulheres e não têm acesso aos altos escalões. Mas é através da manipulação dessa habilidade desenvolvida nas mulheres de respeitarem aqueles que as usam que muitas dessas advogadas do antifeminismo conseguem converter outras mulheres à direita. (Dworkin, 1982).

Contudo, tornar-se uma “mulher virtuosa” e apropriar-se de símbolos de status social conservadores como a maternidade e o matrimônio, não exime essas mulheres de vivenciarem as mazelas das próprias noções patriarcais que defendem (Dworkin, 1982). Afinal, apesar das concessões sociais que ocorrem para com mulheres que incorporam determinadas nuances da ideologia masculinista, firma-se uma incontornável contradição. Pois, sendo mulheres, ocupam o local subalterno dentro da lógica estrita do masculinismo contemporâneo. Dessa forma, pode-se dizer que tais mulheres são utilizadas como agentes discursivas do masculinismo, mas jamais colherão os louros autênticos de sua empreitada, pois o sistema que defendem se sustenta na própria subalternização de si e das suas semelhantes.

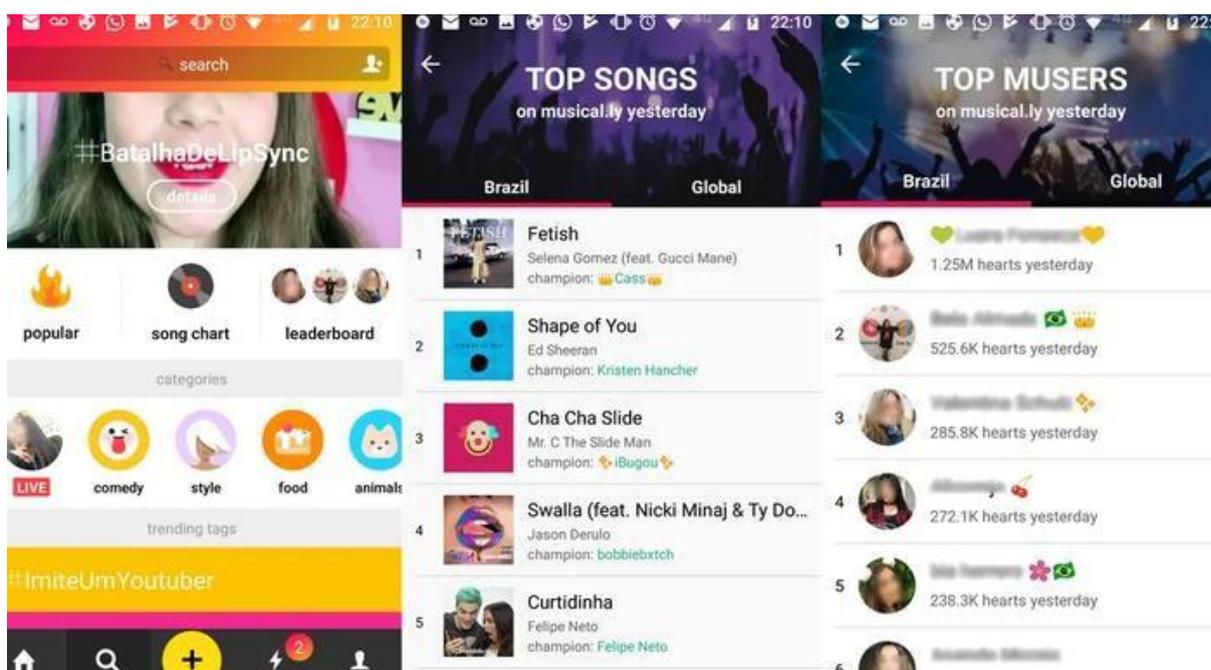
Na rede social Tik Tok e nos demais pontos de adesão para além da machosfera (Vilaça, 2023), a vertente de mulheres filiadas à ideologia conservadora e masculinista tende a possuir influência crescente. Em especial, nos públicos adolescente e juvenil, que constituem a faixa etária alvo de tais redes sociais. No Tik Tok brasileiro, a hashtag #feminilidade possui mais de 24 mil publicações, enquanto outras hashtags com conotação conservadora como #antifeminismo possui mais de 15 mil, assim como a variante #antifeminista está próxima das 65 mil publicações. Tais dados foram coletados em meados de março de 2024, denotando o seu caráter recente.

Nessas circunstâncias, percebe-se que os grupos neoconservadores se organizam de maneira estratégica no cenário digital, buscando a cooptação de rapazes através dos discursos masculinistas e correlatos, enquanto buscam atrair jovens mulheres a partir da perspectiva de uma feminilidade tradicional, na qual estariam incumbidas apenas de “cumprir o seu destino biológico” enquanto seriam amparadas por provedores masculinos (Albuquerque, 2024). A crescente difusão destas perspectivas no cenário online, contribui para a complexificação do cenário vigente, exibindo como o discurso masculinista se mescla de forma estratégica aos aspectos conservadores que se popularizaram na cultura brasileira através das influências coloniais e cristãs (Lugones, 2020).

2.1.1.1.1 2.4 O Tik Tok

O Tik Tok surgiu a partir da fusão dos aplicativos asiáticos Musical.ly e Douyin, após aquisição do Musical.ly pela empresa chinesa ByteDance. O aplicativo se tratava de uma rede social especialmente focada na criação de vídeos curtos, transmissões ao vivo e envio de mensagens instantâneas cujo lançamento ocorreu em abril de 2014. Com funções as quais foram reaproveitadas no Tik Tok, o Musical.ly permitia a criação de vídeos que variavam de 15 segundos a 1 minuto, oferecendo uma variedade de faixas de áudio pré-gravadas, opções de velocidade, sincronização e filtros digitais (BBC, 2023).

Figura 1 — Tela de busca inicial do aplicativo Musical.ly



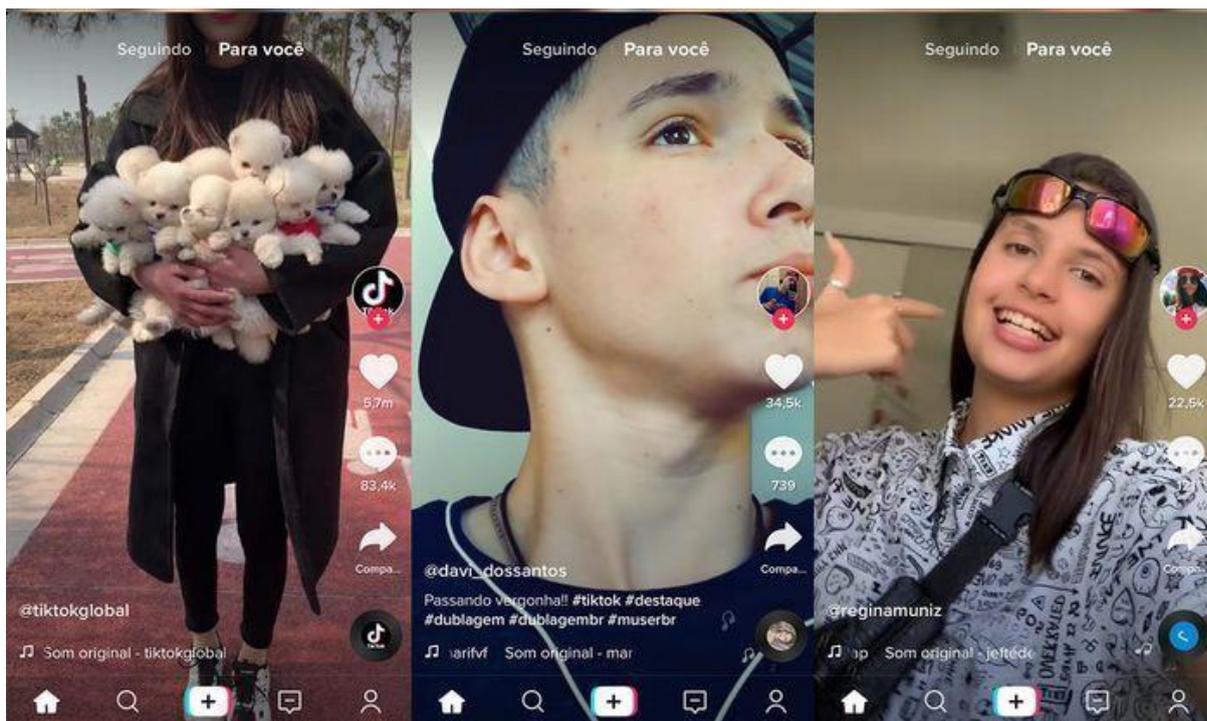
Fonte: Farias (2024) G1 (2017).

Em julho de 2015, o Musical.ly atingiu a posição número 1 na App Store, convertendo-se no aplicativo gratuito com maior percentual de downloads em mais de trinta países, incluindo Brasil, Japão, Canadá e Estados Unidos. Desta maneira, a rede social demonstrava o seu alto desempenho e potencial de adesão, pavimentando o caminho das redes sociais de vídeos curtos para o que viria a se tornar o Tik Tok. No ano de 2017, o aplicativo Musical.ly foi vendido para a empresa ByteDance Technology, anunciando seu encerramento em 2018. Após a fusão, os perfis presentes no aplicativo foram movidos para o Tik Tok. Contudo, apesar da criação do Tik Tok a partir da compra do aplicativo Musical.ly, salienta-se que o Douyin segue em funcionamento na China. Desta maneira, o Tik Tok é conhecido como a versão internacional do aplicativo chinês também desenvolvido pela ByteDance (Cueto, 2023).

A rede social, atualmente avaliada em mais de \$250,00 bilhões, modificou de maneira permanente a forma como se dão as interações digitais no cenário atual (Freire, 2020). Apesar de seu foco específico no público infantojuvenil, como exibem os dados disponibilizados pela TIC Kids Online Brasil (Cetic, 2023),

afirmando que 41% do público brasileiro está na faixa etária de 16 a 24 anos, a rede social também exibe proeminência entre as demais alas da sociedade. O Tik Tok se consolidou no ano de 2020 como o aplicativo que define e caracteriza a geração Z, marcada pelos indivíduos que nasceram entre o final dos anos 1990 e o ano de 2010.

Figura 2 — Tela de exibição principal do Tik Tok



Fonte: Ferreira (2019).

Algumas das características mais emblemáticas da geração Z, são a sua completa integração ao cenário digital e uso considerável das redes sociais, tendo vivenciado um dos períodos de transição mais importantes da história humana recente. Nesse contexto, a rede social Tik Tok surge em meio aos demais produtos de mídia social hegemonicamente estadunidenses, como o Facebook, Instagram e WhatsApp controlados pela META e demais redes como o SnapChat e o Youtube. Possuindo um diferencial categórico, o grande apelo da rede social chinesa se trata de seu alto potencial de adesão e sua estratégia predatória quanto aos usuários

(Smith, 2021). Ademais, a própria construção e funcionalidade do seu algoritmo desenha um cenário propício a ofuscar a sua concorrência.

Ao abordar questões relativas às diretrizes da comunidade e suas interdições, o Tik Tok possui critérios específicos para a disponibilização dos vídeos de seus usuários na aba “for you”, que possui maior alcance e poder de disseminação.

O feed "Para você" (FYF) é um recurso exclusivo do Tik Tok que utiliza um sistema de recomendação personalizado para permitir que você descubra uma variedade de conteúdo, criadores e temas. Ao determinar o que é recomendado, o sistema leva em consideração fatores como curtidas, compartilhamentos, comentários, pesquisas, diversidade de conteúdo e vídeos populares. Saiba mais sobre o sistema de recomendação, bem como ferramentas para ajudar a personalizar as recomendações. Determinados tipos de conteúdo podem ser bons se vistos ocasionalmente, mas problemáticos se visualizados em sequência. Isso inclui conteúdo como dietas, condicionamento físico extremo, conteúdo sexualmente sugestivo, tristeza (como declarações de desesperança ou compartilhamento de citações tristes) e informações de saúde mental excessivamente generalizadas (como um questionário que alega diagnosticar alguém). Esse tipo de conteúdo poderá ser elegível para o feed "Para você", mas interromperemos os padrões de conteúdo repetitivo para garantir que não seja visto com muita frequência. Saiba mais sobre nossa abordagem para proteger e diversificar recomendações. Mantemos padrões de elegibilidade de conteúdo para o feed "Para você" que priorizam a segurança e são informados pela diversidade da nossa comunidade e pelas práticas culturais. Embora a espontaneidade do feed "Para você" seja o que torna o Tik Tok único, o feed se destina a uma variedade de públicos que inclui desde adolescentes até bisavós. Tornamos inelegível para o feed "Para você" e podemos dificultar a localização na pesquisa de determinados conteúdos que possam não ser adequados para um público geral. Também sabemos que o feed "Para você" oferece uma oportunidade de atingir um grande público, o que nem sempre é adequado para alguns jovens. Tornamos o conteúdo criado por qualquer pessoa com menos de 16 anos inelegível ao feed "Para você". Conteúdo inelegível ao feed "Para você" ainda pode ser descoberto de outras maneiras, como por meio de ferramentas de pesquisa ou seguindo uma conta. Quando um vídeo não obtém muitas visualizações, pode ser devido à falta de engajamento da comunidade e não à inelegibilidade para o feed "Para você".

(Tik Tok Ltda, 2024)

Além dos aspectos citados, a rede social possui normas específicas contra procedências que incluem assédio sexual, conteúdo explícito, desinformação, material conspiratório, negação científica e entre outros. Contudo, se faz necessário sinalizar que tais diretrizes possuem os chamados pontos cegos. Pois, ainda que haja uma legislação interna em torno de temáticas sensíveis e potencialmente perigosas, não há comprovação (Tik Tok, 2024) de que os discursos acerca de tais temáticas também sejam frequentemente monitorados e gerem interdições severas. Uma constante na ação de inúmeros criadores de conteúdo os quais desejam abordar temas sensíveis ou com teor radicalizado, dentre eles a comunidade redpill, tem sido ocultar algumas palavras através de mecanismos de censura, como a utilização de símbolos especiais tais como “* & % #”.

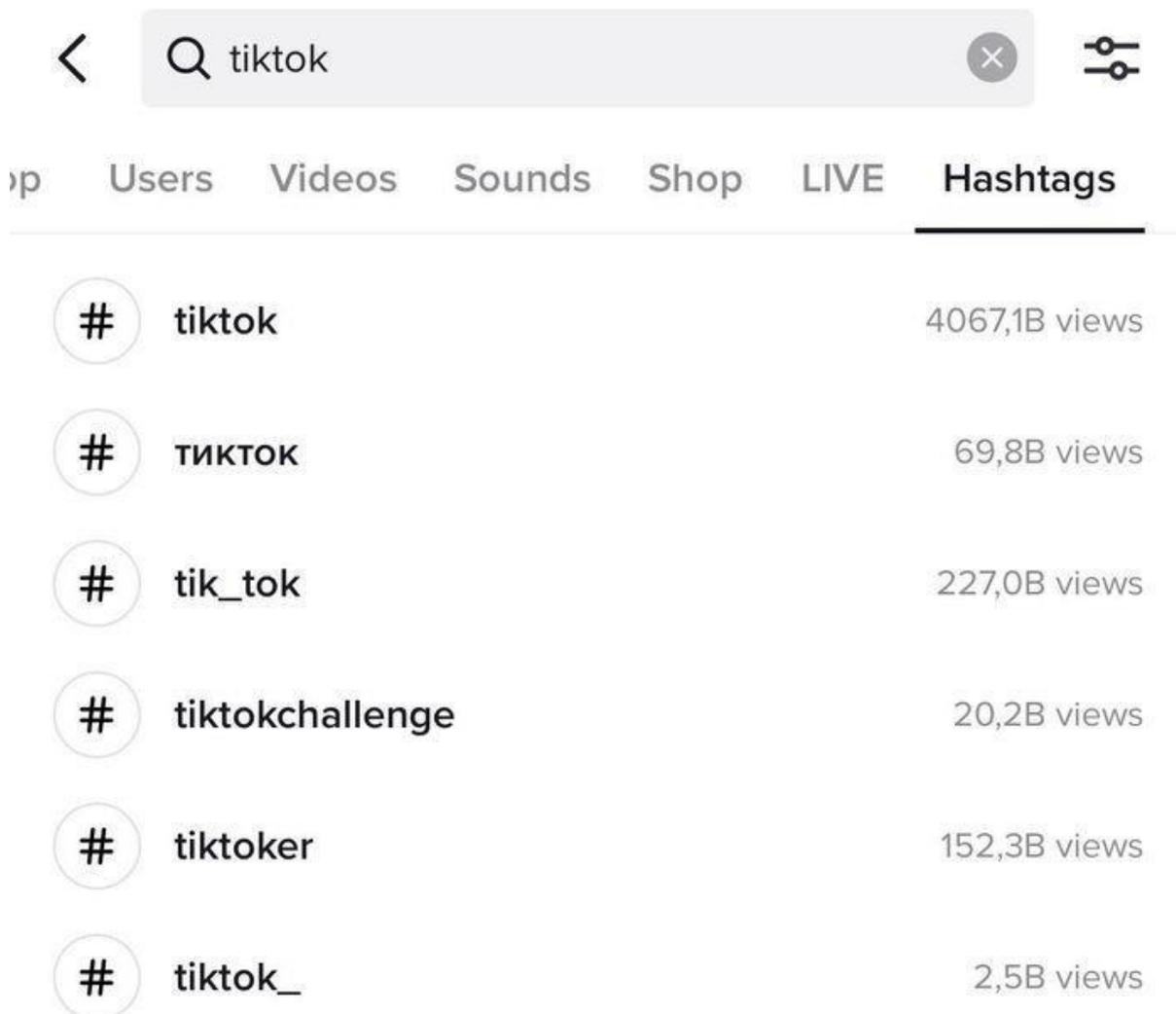
Para que haja uma compreensão ampliada dos fenômenos sociais que ocorrem no interior da rede, se consideramos a atuação intrínseca do indivíduo com as transformações que vivencia ao interagir com a plataforma (Latour, 2012) enquanto peças-chave na compressão do grande contexto, se faz necessário compreender como o algoritmo opera a fim de criar o espaço digital propício à proliferação de discursos extremistas.

No documentário australiano e norte-americano *Tiktok The World 's Most Popular App* (Dias, 2021) especialistas abordam as especificidades conhecidas do algoritmo do Tik Tok e suas consequências nos usuários. Nesta investigação, uma das principais diferenças da rede social, se trata do fato de que o aplicativo se constrói sob uma oferta de vídeos infinita e disponíveis na plataforma para os usuários, ainda que eles não possuam uma conta. Dessa forma, a política da rede estaria muito mais próxima de uma estratégia de “captura” do indivíduo, para apenas a partir disso, passar a lhe apresentar opções fortemente personalizadas e condizentes com a interpretação de seus dados pessoais.

Após a adesão, o usuário é submetido a um constante “período de teste”, no qual o algoritmo lhe enviará vídeos e irá ranquear a quantidade de tempo que cada um dos materiais enviados o mantém ativo na plataforma; quais vídeos mobilizam sensações mais profundas e quais deles impelem o usuário a interagir com demais funcionalidades da rede, como “costurar”, “republicar”, “comentar”, “responder” e etc (Smith, 2021).

Além dos fatores anteriormente citados, uma das particularidades com maior potencial adicto da rede social, se trata da sua capacidade em mapear as áreas de interesse do indivíduo de forma rápida e bombardeá-lo com materiais cada vez mais específicos acerca daquelas temáticas em particular. Ao longo do documentário, é relatada a história de uma jovem usuária que sofria de transtorno alimentar severo. Segundo ela, após ingressar na rede social, o seu transtorno foi facilmente detectado e vídeos de teor pró-anorexia começaram a ser massivamente enviados para a sua “for you”, ainda que ela os bloqueasse sempre que surgissem (Dias, 2021).

Figura 3 — Busca de hashtags no Tik Tok



Fonte: Do (2023).

No contexto estrutural das redes sociais, o modelo que tende a ser seguido, se manifesta a partir da elaboração de uma página inicial destinada ao usuário, em geral, exibindo publicações de indivíduos que fazem parte de seu círculo digital e de perfis seguidos conforme o nível de interação. Entretanto, diferente da perspectiva promovida pela experiência do usuário nas redes cujas páginas iniciais chamam-se “feed” ou “feed de notícias”, uma lógica que se estrutura a partir da necessidade de alimentar ou ser alimentado (tradução livre do termo “feed” para o português), sendo este, o alimento digital — a sanha pela satisfação do anseio constante por

atualizações, o Tik Tok se apropria de uma lógica mais fina e discursivamente personalizada.

A rede social flerta com um dos anseios humanos mais frequentes, o desejo pela exclusividade. O Tik Tok, assim como as marcas de luxo, se utiliza de um discurso altamente exclusivo, a fim de suscitar nos clientes-usuários a percepção de que se diferenciam dos demais, possuindo necessidades mais importantes, dignas de um tratamento personalizado. Na compreensão desta lógica, se percebe o porquê da rede Tik Tok não se sustentar a partir de uma dinâmica de “alimentar” (“feed” / “to feed”), mas sim de exclusividade e especificidade personalizada (“for you”).

A elaboração de um contexto no qual um ambiente completamente personalizado é construído, se dá não somente através das preferências tácitas do indivíduo, mas também a partir de seus anseios íntimos, aqueles sobre os quais por vezes sequer se pondera, mas que são de conhecimento do algoritmo, através da captura de dados faciais durante o tempo de uso e das teclas escolhidas pelo usuário quando redirecionado para sites externos (Dias, 2021). Como revelado pelo pesquisador Felix Krause, fundador da Fastlane, um serviço de testagem e implementação de aplicativos, o Tik Tok monitora aspectos externos de seus usuários.

Dos sete aplicativos que Krause testou, o Tik Tok é o único que parece monitorar as teclas digitadas, disse ele, e parecia estar monitorando mais atividades do que o resto. Como o Tik Tok, o Instagram e o Facebook rastreiam cada toque em um site. Esses dois aplicativos também monitoram quando as pessoas destacam texto em sites. “Esta é uma tarefa de engenharia não trivial. Isso não acontece por engano ou aleatoriamente.”, Felix Krause. (Nieva, 2022).

Desse modo, se percebe que a experiência do usuário na rede não se firma apenas na coleta de rastros de seu uso do aplicativo, mas também, através de uma teia oblíqua que monitora demais passos de sua vida online. Tais processos buscam elaborar um perfil completo e extremamente personalizado de cada usuário, tendo acesso às suas preferências, hábitos de uso, expressões faciais através do monitoramento algorítmico de vídeos publicados e do acesso às imagens e materiais audiovisuais disponíveis na galeria do usuário, como descrito pela plataforma em seus termos de serviço (Tik Tok, 2023).

Além do *modus operandi* algorítmico da rede social, um dos pilares que sustentam o seu alto potencial de adesão é o fomento do aplicativo à criação de comunidades através do uso de hashtags e do redirecionamento dos usuários a partir de frases que se tornam destaque nos vídeos. As relações que se constroem em razão das interações sociais no Tik Tok, se exibem de modo diferenciado, seguindo as especificidades das regras estabelecidas pelo aplicativo para a integração em seu espaço, sustentando a perspectiva de que se relacionar a partir de grupos se trata de um processo constituído por laços incertos, frágeis, controvertidos e mutáveis (Latour, 2005).

De acordo com pesquisa realizada pelo TIC Kids Online Brasil (Cetic, 2023), o Tik Tok se trata da rede social mais utilizada pelo público infantil no Brasil. Além de ser igualmente uma das redes mais populares entre adolescentes e jovens, pertencentes à faixa etária na qual a criação de comunidades se trata de uma ânsia constante. Dessa forma, através de seu apelo algorítmico e do espaço no qual se dispõe, o Tik Tok alça a sua posição de mero aplicativo, à matriz que comporta redes nacionais e internacionais de jovens e adolescentes que buscam se conectar entre si por intermédio de interesses em comum, convergindo em movimentos de agrupação e reagrupação. Dentro da rede social, a hashtag “Red Pill Brasil” possui em média 14 milhões de publicações, sendo atualizada diariamente com vídeos compartilhados por integrantes da comunidade.

Figura 4 — Pesquisa da Hashtag Red Pill Brasil presente no Tik Tok



Fonte: Farias (2024).

Segundo a matéria *How Tik Tok Reads Your Mind* (Smith, 2021), publicada no *The New York Times*, no centro das estratégias visando a retenção de público em sua comunidade, o Tik Tok utiliza um mecanismo de entrega de vídeos escalonado, a fim de se certificar de que o conteúdo publicado pelo produtor de determinado nicho de fato tenderá a interessar os usuários que buscam pelo mesmo tema. Ao performar um desempenho satisfatório, o vídeo que foi submetido a este processo de triagem terá a sua performance impulsionada, enquanto aquele que não é bem-sucedido em agradar os usuários que lhe receberam de forma inicial, não obterá bons índices de engajamento.

A lógica de promoção dos vídeos na rede social Tik Tok responde à um alto perfil de influência algorítmica que, ao submergir em uma perspectiva de hipervigilância e personalização extrema, conduz os usuários a deixar rastros contundentes e precisos no que tange a identificação de padrões como a sexualidade, anseios não verbalizados e até mesmo tendências à transtornos psicológicos e comportamento de risco, como verificado através de investigações do jornalista Ben Smith que vieram à público através da matéria *How TikTok Reads Your Mind*.

Para muitos usuários, que consomem sem criar, o aplicativo é surpreendentemente bom em ler suas preferências e direcioná-lo para um de seus muitos "lados", quer você esteja interessado em socialismo, dicas de Excel ou sexo, política conservadora ou uma celebridade específica. Ele é surpreendentemente bom em revelar os desejos das pessoas até para elas mesmas - "O algoritmo do Tik Tok conhecia minha sexualidade melhor do que eu", diz uma das manchetes sobre pessoas maravilhadas com a radiografia do aplicativo sobre suas vidas íntimas. O Tik Tok compartilhou publicamente as linhas gerais de seu sistema de recomendação, dizendo que leva em conta fatores como curtidas e comentários, além de informações do vídeo, como legendas, sons e hashtags. Analistas externos também tentaram decifrar seu código. A recente do Wall Street Journal demonstrou como o Tik Tok se baseia em grande parte no tempo que você passa assistindo a cada vídeo para para direcioná-lo a mais vídeos que o manterão rolando a tela, e esse processo pode, às vezes, levar os jovens espectadores a perigosas perigosos, em particular para conteúdos que promovem o suicídio ou a automutilação.

(Smith, 2021)

Tendo em vista as dinâmicas estabelecidas nos movimentos masculinistas (INCELS, redpills, MGTOWs etc.), o funcionamento algorítmico do Tik Tok tende a favorecer a criação de rabbit holes (tocas de coelho, em tradução livre), através dos quais adolescentes são capturados para dentro do *modus operandi* de consumo e produção de conteúdo masculinista na rede social. Por conta da mobilização de dados de alta sensibilidade a respeito da vida de seus usuários, adolescentes com propensão ao extremismo masculinista podem ser facilmente identificados e envolvidos pelos grupos redpill que firmam base em demais redes sociais, como o Telegram, o Reddit e o Discord (Vilaça, 2023).

3 METODOLOGIA

Ao abordar o efeito causado por movimentos extremistas em grupos minoritários, se faz necessário compreender que as raízes desse fenômeno são multifatoriais, como, por exemplo, a incidência de um contexto social propício à violência contra a mulher e às demais minorias políticas no Brasil. Segundo dados do Monitor da Violência e do Núcleo de Estudos da Violência da USP (NEV-USP), “uma mulher foi assassinada a cada 6 horas no país por ser mulher” no ano de 2022 (Velasco; Grandin; Pinhoni; Farias, 2022).

O histórico de violência recorrente contra grupos minoritários na sociedade brasileira, sustenta o espaço social no qual grupos extremistas encontram solo fértil para seu desenvolvimento. Tendo em vista as mudanças vivenciadas no cenário internacional em razão da pandemia de COVID-19 que acometeu o mundo de forma intensa entre os anos de 2019 e 2022, a permanência dos indivíduos em estado de isolamento social foi um fator decisivo no maior tempo de uso das redes sociais em todo solo brasileiro.

Desse modo, esta pesquisa se propõe a investigar o *modus operandi* das comunidades redpill na rede social Tik Tok, mobilizando informações acerca das normas da rede social, sua usabilidade e adesão por parte dessa comunidade no contexto brasileiro. Possuindo caráter qualitativo, os dados adicionados à investigação foram coletados através de pesquisa bibliográfica e materiais audiovisuais em torno do perfil de Thiago Schutz os quais foram submetidos à inferências analíticas e discutidos sob o viés da análise de conteúdo (Bardin, 2016).

Segundo (Medeiros, 2000), a pesquisa bibliográfica favorece um melhor enquadramento dos elementos a serem analisados, para além de uma investigação concisa e centralizada nas produções acadêmicas já realizadas em torno da temática vigente. Deste modo, a pesquisa bibliográfica alinhada à análise de conteúdo se mostra crucial nesta investigação, a fim de construir sentido a partir do arcabouço teórico que já se apresenta no campo do masculinismo e de demais ideologias radicalizadas vinculadas ao extremismo misógeno.

Em busca de concretizar os objetivos desta pesquisa, os passos seguidos foram:

- Análise de materiais selecionados vinculados à Thiago Schutz no Tik Tok. Foram selecionados 15 vídeos os quais foram alocados em 03 categorias analíticas diferentes. O recorte escolhido para o recolhimento do material se deu pelo desejo de construir uma análise que esteja munida de amostras recentes e atualizadas, a fim de evitar grandes defasagens. Nesta etapa, foram apreendidos para análise materiais como fragmentos de vídeos, reacts e materiais retirados do site oficial do influenciador.
- Exposição dos materiais recolhidos seguida de interpretação através do fundamento teórico e dos desígnios introdutórios de análise (Bardin, 2016).

Apesar dos limites propostos por cada metodologia, a abordagem de análise de conteúdo (Bardin, 2016) se exhibe como o método mais apurado para o desenvolvimento da pesquisa apresentada, visando uma maior compreensão do movimento redpill e as nuances de seu discurso difundido na rede social Tik tok; o porquê do grande apelo ao público masculino e as suas estratégias de desenvolvimento de uma linguagem própria, sentidos agregados e *dog whistles* (apitos de cachorro, em português).

Os *dog whistles* podem ser classificados como elementos cujos significados são transformados dentro do sistema de linguagem dos grupos extremistas, em especial, através de fóruns e *chans* (comunidades formadas por adeptos do masculinismo e de demais perspectivas alinhadas à extrema-direita). Dessa forma, gestos como ingerir leite, ou utilizar determinados emojis em perfis nas redes sociais, comunicam uma mensagem extremista que só será compreendida pelos indivíduos da comunidade ou aqueles que já possuem um conhecimento prévio sobre os significados atribuídos a tais símbolos e atos. No cenário construído através das redes sociais, com foco no Tik Tok, a utilização de memes e palavras

específicas se faz essencial para esses grupos, pois a comunicação precisa ser rápida e efetiva (Vilaça, 2023).

Se faz necessário compreender que o cenário atual não se trata de um novo paradigma em torno das relações de gênero, mas sim do renascimento de um mito, fundamentado em discursos que vêm sendo desenvolvidos há milênios (Déri, 2022). As noções estreitas de gênero são essenciais no que tange sustentar a concepção da masculinidade, a falácia em torno da superioridade masculina e demais estruturas de pensamento que corroboram com a ideologia da inferioridade feminina (Déri, 2022). Nessa seara, os estudos de gênero focados nas manifestações nos espaços digitais são cruciais para que possamos compreender os desafios que se apresentam no século XXI e na era das relações humanas mediadas por algoritmos.

Considerando as regras delimitadas para o corpus da análise, os 15 vídeos feitos por Thiago Schutz foram alocados em 03 categorias analíticas precedidas por uma introdução:

- I. Apresentando a toca do coelho — nesta introdução, discorro sucintamente acerca da imagem de Thiago Schutz, sua atuação na comunidade redpill, seus produtos, seu Podcast e as implicações das estratégias visuais na propagação do masculinismo através das redes sociais.
- II. Cortes de Podcast em vídeo com teor masculinista no Tik Tok — nesta categoria, analiso cinco vídeos previamente escolhidos nos quais Thiago Schutz que se constituem como fragmentos de intervenções de Thiago Schutz no Podcast “Pink & Pill”, de sua autoria. Com gravações realizadas todos os domingos a partir das 20h, Thiago Schutz convida pessoas no intuito de discutir temas sob a perspectiva masculinista, disponibilizando episódios nos formatos de vídeo e áudio em suas plataformas.
- III. Respondendo aos fãs no Tik Tok — nesta categoria, analiso cinco vídeos previamente escolhidos nos quais Thiago Schutz em formato de perguntas e respostas, nos quais Thiago Schutz responde a questões específicas de seus seguidores. As questões abordadas nos vídeos desta categoria são usualmente voltadas à área dos relacionamentos afetivo- sexuais com mulheres.

IV. React à vídeos com teor masculinista no Tik Tok — nesta categoria, analiso cinco vídeos previamente escolhidos nos quais Thiago Schutz reage aos vídeos de outros influenciadores, utilizando como base aspectos do discurso redpill.

A organização das categorias não segue uma ordem cronológica no que tange à temporalidade das publicações, priorizando a consonância com as implicações da investigação. Dessa forma, os vídeos selecionados foram alocados nas categorias a partir de suas características de funcionalidade principal, (cortes, perguntas e respostas e react). A análise se deu através da captura de falas do influenciador, exposição dos endereços eletrônicos dos vídeos e interpretação à luz do marco teórico aqui delimitado.

4 RESULTADOS

Ao decorrer desta análise, foram selecionados vídeos do perfil de Thiago Schutz na rede social Tik Tok, no intuito de construir uma análise multifatorial que se aproxime dos critérios propostos por Laurence Bardin na obra *Análise de Conteúdo* (Bardin, 1977). Deste modo, visei decifrar o material coletado a fim de compreender os discursos defendidos e sua confluência com as técnicas de alcance nas redes sociais promovidas pela performatividade algorítmica (Lemos, 2002) da plataforma Tik Tok.

Assim, a investigação vigente buscou analisar aspectos constitutivos da identidade adotada pelo grupo redpill na rede social selecionada, como também aspectos cruciais de suas estratégias de comunicação no intuito de que suas mensagens atinjam o público desejado. A seleção de Thiago Schutz como enunciador principal a ser analisado, se deu por conta de sua grande projeção no cenário redpill. O influenciador é o primeiro homem brasileiro a publicar um livro sobre a temática e conta com mais de 400 mil seguidores somados em suas redes sociais.

Tabela 1 — Tabela do material recolhido — Vídeos de Thiago Schutz (Dados recolhidos no dia 16 de agosto de 2024)

Data de publicação	Categoria temática	Número de visualizações (aprox.)	Número de curtidas	Número de comentários	Link dos vídeos
02 de junho de 2024	Cortes de Podcast em vídeo com teor masculinista no Tik Tok	497 mil	7 mil novecentos e cinco	126	Vídeo 01
03 de março de 2024	Cortes de Podcast em vídeo com teor masculinista no Tik Tok	254 mil	12 mil e oitocentas	226	Vídeo 02
08 de junho	Cortes de Podcast em	63 mil	mil oitocentos	19	Vídeo

Data de publicação	Categoria temática	Número de visualizações (aprox.)	Número de curtidas	Número de comentários	Link dos vídeos
de 2024	vídeo com teor masculinista no Tik Tok		e onze		03
28 de março de 2024	Cortes de Podcast em vídeo com teor masculinista no Tik Tok	4 mil	setecentos e oitenta e oito	46	Vídeo 04
21 de fevereiro	Cortes de Podcast em vídeo com teor masculinista no Tik Tok	mil	trinta e nove	3	Vídeo 05
30 de maio de 2024	Respondendo aos fãs no Tik Tok	37 mil	novecentos e oito	14	Vídeo 06
02 de agosto de 2024	Respondendo aos fãs no Tik Tok	mil e quinhentas	cinquenta e cinco	7	Vídeo 07
01 de agosto de 2024	Respondendo aos fãs no Tik Tok	2 mil	setenta e cinco	1	Vídeo 08
30 de julho de 2024	Respondendo aos fãs no Tik Tok	2 mil e duzentas	cento e um	3	Vídeo 09
23 de julho de 2024	Respondendo aos fãs no Tik Tok	mil e setecentas	sessenta e oito	1	Vídeo 10
08 de agosto de 2024	React à vídeos com teor masculinista no Tik Tok	cinco mil e trezentas	cento e sessenta e seis	5	Vídeo 11
07 de junho de 2024	React à vídeos com teor masculinista no Tik Tok	três mil e quatrocentas	oitenta e oito	0	Vídeo 12
04 de março de 2024	React à vídeos com teor masculinista no Tik Tok	mil e setecentas	cento e dezoito	4	Vídeo 13

Data de publicação	Categoria temática	Número de visualizações (aprox.)	Número de curtidas	Número de comentários	Link dos vídeos
02 de julho de 2024	React à vídeos com teor masculinista no Tik Tok	dez mil e quinhentas	e quinhentos e dezesseis	68	Vídeo 14
04 de junho de 2024	React à vídeos com teor masculinista no Tik Tok	oito mil e setecentas	e cento e oitenta e cinco	12	Vídeo 15

Fonte: Farias (2024).

4.1 4.1 APRESENTANDO A TOCA DO COELHO

Se faz necessário compreender que a imagem de Thiago Schutz, um dos influenciadores mais proeminentes no cenário masculinista brasileiro, tende a atrair um público por vezes não inicialmente radicalizado. Contudo, alguns desses indivíduos adentram a “toca do coelho”, termo utilizado na web a fim de designar espaços nos quais vigoram teorias da conspiração e discursos extremistas, através das recomendações de vídeos presentes no algoritmo das redes sociais, iniciando o processo de identificação com os discursos masculinistas. Desse modo, a construção de uma imagem sedutora, munida dos símbolos historicamente associados à masculinidade, tende a ser essencial no intuito de produzir dinâmicas de identificação com o público-alvo, em geral jovem e masculino.

No contexto de sua produção de conteúdo, o influenciador Thiago Schutz, cujo nome de registro é Thiago da Cruz Schoba, nascido em 1989, se descreve como escritor, palestrante, mentor e apresentador. Segundo o seu site profissional, cursou Engenharia Elétrica e Publicidade e Propaganda. Além disso, atuou no mercado literário como editor e publicou livros cuja temática central é a ideologia redpill, sendo os seus respectivos títulos “Pílulas de Realidade”, “Pílulas de Realidade 2”, “O Livro das Red Flags” e “Red Pill 2.0”.

Dentre suas atuações no segmento masculinista, o influenciador organiza eventos focados na premissa redpill e oferece serviços que prometem ‘fortalecer’ a masculinidade de seus assinantes, propondo resoluções aos problemas dos homens que buscam suas consultorias. A estética dos conteúdos produzidos pela comunidade redpill segue os pilares de identificação com o ideal masculino tradicional, levando em conta a construção simbólica que está disponível no repertório hegemônico acerca da masculinidade.

Dessa forma, o emprego de elementos como cores em tons fortes e sonoplastia heroica, são uma recorrente na produção de conteúdo dos influenciadores. Nessas circunstâncias, se faz necessário evocar ideais estruturantes em torno da masculinidade, considerando a estética e os pontos de potencial adesão, como o desenvolvimento de uma comunidade, a relação de mentoria e a busca pelo aprofundamento em uma identidade que comungue com os ideais de potência e independência (Déri, 2022).

Contudo, se faz importante salientar o caráter contraditório de tais elementos. Afinal, ainda que a concepção masculinista necessite usufruir dos símbolos de potência, alguns dos discursos mais empregados no intuito de contribuir com a radicalização de rapazes se baseia na suposição de uma codependência e emasculação que homens estariam sofrendo no século XXI. No escopo dessa estratégia, o discurso redpill intenta implantar um temor em torno do papel masculino na sociedade, utilizando argumentos direcionados a convencer a audiência de uma suposta rejeição social ao masculino.

Os homens estão também mais frequentemente à frente dos exércitos e das polícias, das grandes companhias privadas e públicas, incluindo as empresas multinacionais do setor do petróleo, automobilístico e farmacológico, nas câmaras de comércio, nos sindicatos e associações estudantis, nas universidades, nos templos de diversas religiões, nas mídias e até nas poderosas redes de criminalidade e de luta armada. O mundo ainda é um boys’ club, como explica a feminista Martine Delvaux. Ela destaca que é efetivamente de poder que se trata: “não se trata somente de os homens ocuparem muitos lugares; trata-se de eles os ocuparem juntos.

[...] O boys' club é um grupo coeso de amigos homens que se protegem entre si" [grifo da autora], pois eles detêm o poder e sabem "como consegui-lo, como conservá-lo". (Dupuis-Déri, 2022, p. 48-49)

Ao abordar o termo *boy 's club* da autora Martine Delvaux, Déri traz uma explanação acerca do papel social ocupado por homens na atualidade, a permanência de sua relevância e as estratégias de mitigação da ascensão feminina. O *boy 's club* seria, sobretudo, todo o esquema secular no qual mulheres não apenas estão estruturalmente apartadas do poder, como também não possuem agência sobre as diretrizes sociais ou participação significativa nas instâncias de poder. Ao definir a sociedade como um clube dos garotos, Delvaux exhibe como o poder de definição dos homens afeta as ideologias fundadas em grupos de caráter extremista. Ainda que o masculino siga como tônica nos espaços de agência, o discurso de codependência surge como uma ação reativa aos avanços femininos sobre o clube dos garotos.

4.1.1 4.2 Cortes de Podcast em vídeo com teor masculinista no Tik Tok

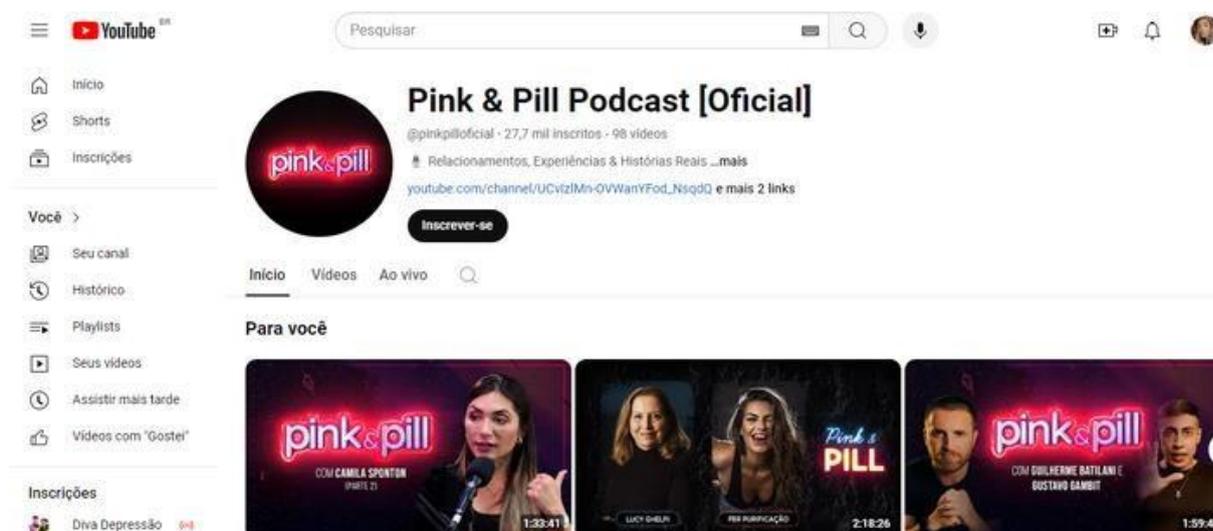
Nas 05 publicações presentes nesta categoria, analisamos fragmentos em vídeo de participações de Thiago Schutz em seu podcast. Na linguagem oriunda das mídias digitais, tais publicações são nomeadas como 'cortes', fragmentos reaproveitados e distribuídos em perfis presentes nas mais diversas redes sociais.

Desde o aumento da adesão do público ao subgênero mesacast, que se configura a partir do formato podcast munido de gravações que capturam tanto o áudio como o vídeo, inúmeros produtores de conteúdo iniciaram o processo de selecionar fragmentos específicos no intuito de publicá-los em demais redes e amplificar as discussões acerca dos temas propostos. Nesse contexto, grupos masculinistas têm se utilizado da popularidade e alta adesão desse formato,

caracterizado por vídeos curtos de suas falas em podcasts de até 2 minutos, para propagar o cerne dogmático que constitui o discurso masculinista, buscando tornar redes como o Tik Tok em pontos de adesão da parcela mais jovem dos usuários.

Thiago Schutz conta com inúmeras participações em podcasts masculinistas, possuindo um programa de própria autoria. O influenciador é host no podcast “Pink & Pill”, que conta com mais de 27 mil inscritos no Youtube. A dinâmica dos episódios se caracteriza por convidar indivíduos alinhados ao tema no intuito de discutir questões que orbitam a perspectiva masculinista, como métodos de ação em relacionamentos e discursos antifeministas.

Figura 5 — Página do podcast Pink & Pill no Youtube

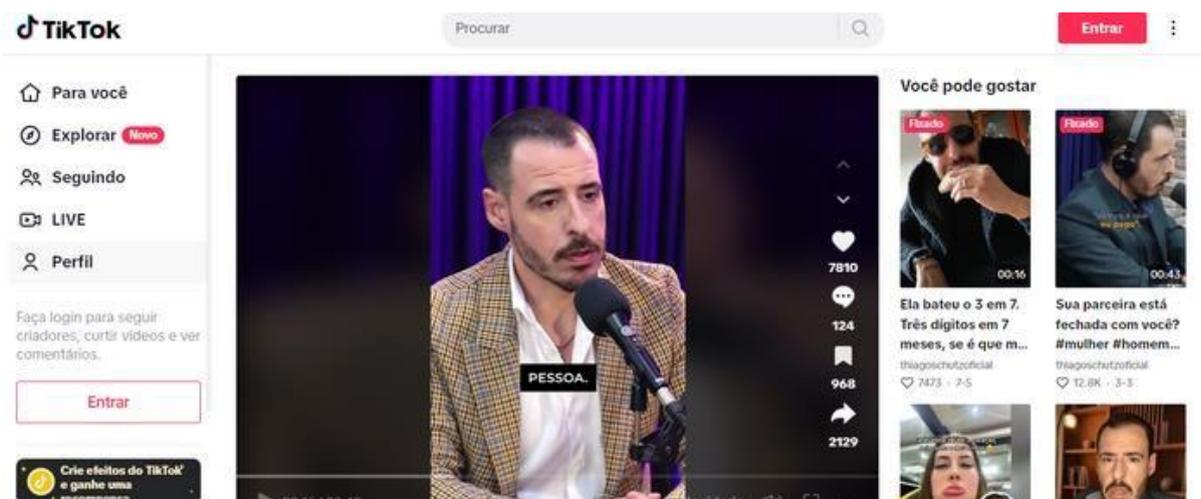


Fonte: Farias (2024).

Thiago Schutz compartilha cortes de seu podcast esporadicamente na plataforma do Tik Tok. O influenciador prioriza vídeos que possuem entre 30 segundos a 01 minuto de duração, utilizando os métodos que caracterizam o conteúdo específico como um ‘corte’, ao utilizar fragmentos selecionados de seu podcast. O esquema de produção consiste em transmitir o podcast ao vivo no Youtube, mantê-lo na plataforma e posteriormente realizar a seleção de fragmentos que virão a ser utilizados no Tik Tok.

A fim de dar início à análise específica dos ‘cortes’ aqui descritos, o primeiro vídeo selecionado foi publicado no perfil do influenciador no dia 2 de junho de 2024.

Figura 6 — Captura de tela do vídeo publicado em 02 de junho de 2024 (Vídeo 01)



Fonte: Farias (2024).

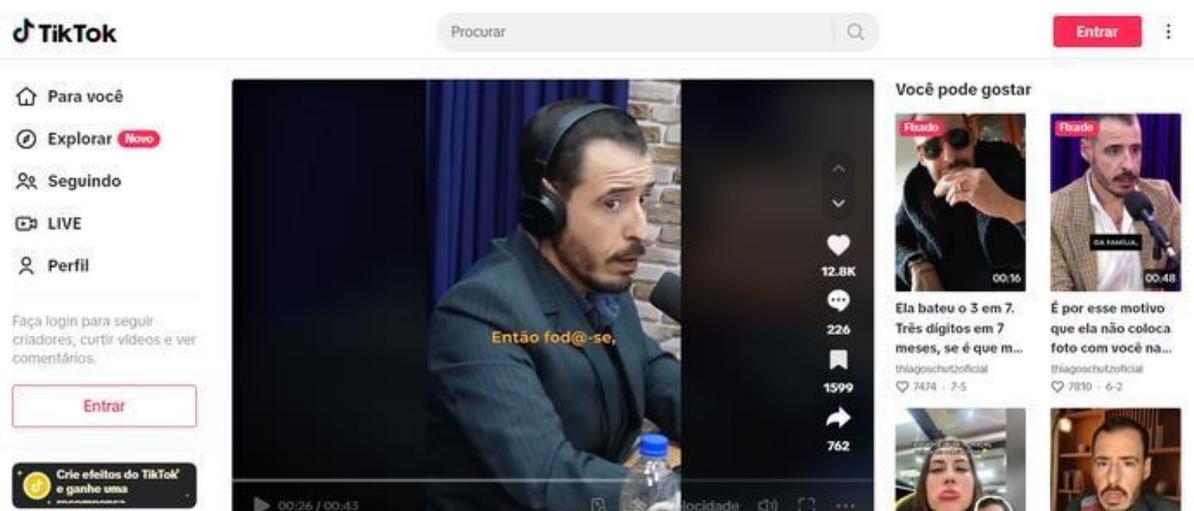
Contando com mais de 497 mil visualizações no perfil oficial de Thiago Schutz e publicado no dia 02 de junho de 2024, o discurso do influenciador ao longo dos 48 segundos de duração se baseia na tese de que ao não compartilharem fotografias com seus parceiros nas redes sociais, mulheres em relacionamentos estariam comunicando de modo implícito a sua disponibilidade sexual para outros homens. O influenciador diz: *“a mulher que não coloca no perfil dela pelo menos uma, duas fotos com o marido, com o namorado, com a família, quer transar com outro cara”*. Ao decorrer do vídeo, Thiago Schutz se utiliza desse fator nas dinâmicas sociais mediadas por algoritmos de modo a reivindicar a concepção de mulheres em relacionamentos como propriedades de seus parceiros. Sob tal perspectiva, a alusão constante ao status civil feminino se faria necessária.

Na obra *O Segundo Sexo* (1949), da autora francesa Simone de Beauvoir, as condições sociais em torno dos relacionamentos entre homens e

mulheres são descritas enquanto mais benéficas para aqueles que pertencem ao grupo masculino. Ao aludir à permissividade social e a concepção de que homens poderiam relacionar-se com diversas parceiras enquanto as mulheres teriam seu valor intrínseco afetado caso vivenciassem casos extraconjugais ou exercessem agência sexual sobre si mesmas, o discurso redpill retoma as mesmas premissas criticadas pela autora no século XX.

O segundo vídeo analisado foi publicado pelo influenciador no dia 03 de março de 2024, contando com aproximadamente 254 mil visualizações no Tik Tok.

Figura 7 — Captura de tela do vídeo publicado em 03 de março de 2024 (Vídeo 02)



Fonte: Farias (2024).

No vídeo acima, Thiago Schutz diz: *“um teste que eu já falei pros caras fazerem, eu ensino isso em um curso meu, chega um dia propositalmente, tá conhecendo a menina, você sempre pagou o date, sempre pagou. Propositalmente, inventa uma desculpa. [...] Você tá lá com o date marcado, duas horas antes, fulana, [...] clonaram meu cartão, tô sem cartão. Não vai rolar da gente sair hoje. Você só vai ter duas respostas, ou essa mina vai falar vamo ir que eu pago, ou ela vai falar, beleza Rodrigo, outro dia a gente vai”*. O influenciador sugere que homens testem a integridade moral de suas parceiras afirmando não possuir dinheiro para levá-las em

um passeio. Segundo o influenciador, caso a mulher esteja de fato interessada no indivíduo ao invés de naquilo que lhe pode ser oferecido, ela sugerirá alguma alternativa paralela, como custear o passeio romântico. A premissa trazida por Thiago neste trecho, se baseia em um comportamento corriqueiro na comunidade redpill, que se trata da sugestão de testes aplicados às mulheres com intuito de descobrir suas intenções e influenciá-las.

A fim de concretizar tais descobertas, o grupo tende a fomentar o uso de técnicas como o gaslighting (abuso psicológico), o love bombing (bombardeio de amor), o negging (manipulação emocional) e entre outros, com intenção de enfraquecer a autoestima feminina e tornar seus alvos de interesse mais suscetíveis a ingressar em um relacionamento.

Nesse contexto, a utilização de métodos amparados por estratégias de violência psicológica se faz corriqueira e funciona enquanto uma prática de modulação e controle do comportamento feminino, pois se baseia na necessidade de construir um terreno instável para que mulheres se sintam em constante vulnerabilidade emocional. Um dos mecanismos mais empregados pelos indivíduos da comunidade redpill se trata do negging, prática que consiste em realizar comentários superficialmente positivos e concluí-los com tentativas de deslegitimação e ofensas sutis à vítima. (Terra, 2024).

Segundo a professora de Psicologia na Universidade de Cincinnati, Dee. L. R. Graham, em sua obra *Loving to Survive: Sexual Terror, Men 's Violence, and Women' s Lives* (Graham; Rawlings; Rigsby, 2021), a violência psicológica feita às mulheres pelos homens se fundamenta nos pilares da própria cultura. Afinal, em um esquema social no qual impera a dominação masculina, neste caso em um Patriarcado, o discurso ideológico é estruturado à imagem e semelhança do grupo que detém o poder.

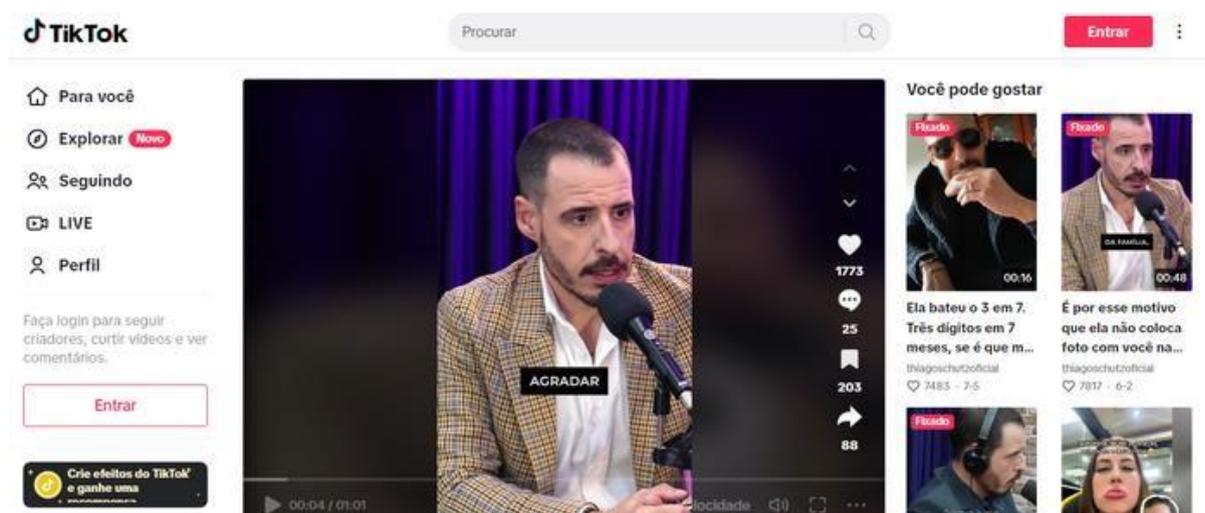
Os homens criam as regras da cultura (por exemplo, eles definem o comportamento apropriado para homens e mulheres, eles definem que o propósito de vida das mulheres é procurar o amor, casar com homens e

assim por diante). Os homens controlam as instituições sociais (como casamento, direito, religião, psiquiatria [e, portanto, os manicômios], medicina). Os homens são os especialistas da sociedade, seja como ginecologistas, especialistas em cuidados infantis ou gerais do exército. Os homens são socializados para usar seu tamanho e sua força a seu favor, inclusive para dominar mulheres. Como resultado de tudo isso, eles conseguem recompensar as mulheres que se comportam da maneira como eles desejam e punir aquelas que não o fazem. (Graham; Rawlings; Rigsby, 2021, p. 118).

Nessas circunstâncias, o discurso empregado pelo grupo redpill se baseia na predominância de uma perspectiva androcêntrica na sociedade a fim de fortalecer sentimentos de autocomiseração e subordinação nas mulheres, lhes conduzindo à estados nos quais seu comportamento se torna profundamente afetado pelas consequências da violência psicológica.

O terceiro vídeo analisado foi publicado pelo influenciador no dia 08 de junho de 2024, contando com aproximadamente 63 mil visualizações no Tik Tok.

Figura 8 — Captura de tela do vídeo publicado no dia 08 de junho de 2024 (Vídeo 03)



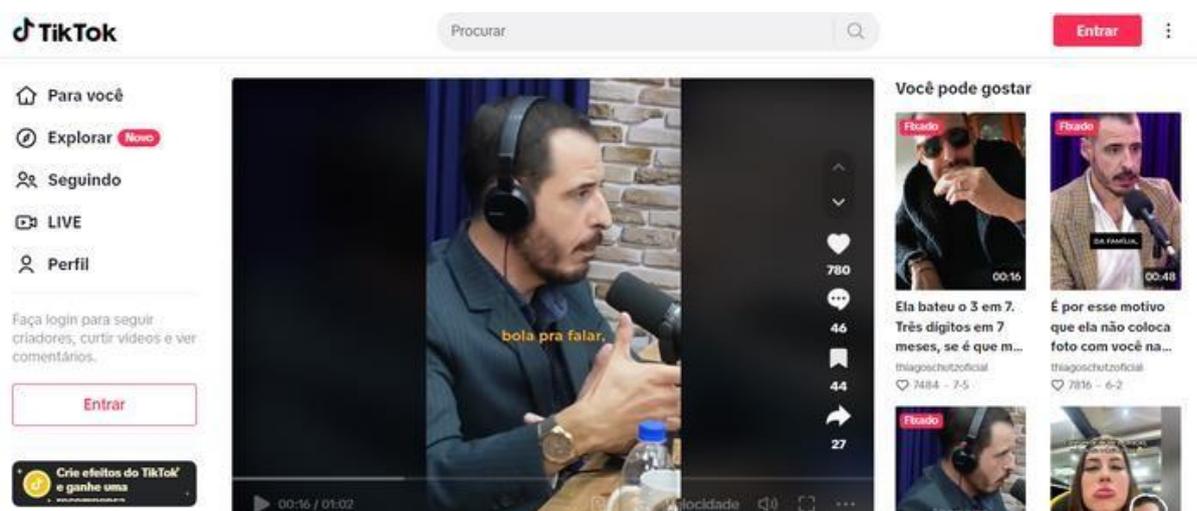
Fonte: Farias (2024).

No 'corte' acima, Thiago Schutz diz que: *“a mulher, ela fica folgada quando ela lida com um cara bonzinho, porque ela sabe que aquela cara vai fazer tudo para agradar ela. [...] A mulher, ela sente cheiro dos dois caras, ela sente o cheiro do cara bonzinho, ela sente o cheiro do cara que pode ser em certo grau, nível ou intensidade, louco”*. O influenciador sustenta a hipótese de que mulheres exploram e se aproveitam de homens gentis no intuito de obter benefícios. Ao decorrer do vídeo, o influenciador também supõe a existência de mulheres que preferem homens violentos, em especial aqueles que cometem crimes. Como finalização de seu raciocínio, Thiago Schutz afirma que mulheres tendem a preferir homens que possuam ambas as características, mas que eles não devem agir de maneira ingênua e se deixar controlar por uma figura feminina.

As perspectivas trazidas pelo influenciador no vídeo citado dialogam com a crença na existência de personalidades masculinas diversas que seriam descritas a partir da tipificação das letras do alfabeto grego. Segundo tal perspectiva na comunidade redpill, alguns desses grupos podem ser descritos como beta, alpha e sigma. Homens beta seriam mais gentis e empáticos, em geral referenciados como parceiros ingênuos e potencialmente suscetíveis a serem ludibriados por mulheres. Homens alpha seriam os líderes natos, sociáveis, criativos e obstinados. Já os homens sigma são descritos como um tipo mais confiante, indomável e autocentrado. No submundo da machosfera, homens alpha e sigma tendem a ser os mais admirados, enquanto os betas, que encarnam em si uma figura afável para com mulheres, tendem a ser desprezados.

O quarto vídeo analisado foi publicado pelo influenciador no dia 28 de março de 2024, contando com aproximadamente 4 mil visualizações no Tik Tok.

Figura 9 — Captura de tela do vídeo publicado no dia 28 de março de 2024 (Vídeo 04)



Fonte: Farias (2024).

Thiago Schutz diz: *“eu já falei, mano, eu não gosto de mulher gorda. Quando o pessoal fala assim, esse cara é machista porque ele não gosta de mulher tipo acima do peso, não gosto, entendeu? Eu não gosto e não vou fazer esforço para gostar”*. O influenciador afirma não desejar manter relacionamentos físicos com mulheres gordas, sinalizando a necessidade de as preferências masculinas serem respeitadas sem que haja objeções dos demais. Nesse discurso, Thiago Schutz afirma que a sociedade tem castrado os homens, *“a melhor forma hoje de você castrar um homem, é você cortar a opinião dele”*, fazendo uma alusão a perda do pênis e da vivacidade masculina a partir da repressão social. Thiago defende que homens precisam sentir-se livres para exercer a sua agência, caso contrário, se sentirão frustrados ainda no princípio da fase adulta.

Os grupos redpill, assim como demais agrupamentos masculinistas, tendem a defender padrões estéticos associados aos países do continente europeu e da América do Norte, evocando a imagem da *traditional american housewife*. Ao inspirar-se na estética das donas de casa norte-americanas dos anos 1950, as quais eram usualmente caracterizadas por sua compleição clara, cabelos loiros, seios robustos e corpo esbelto, os grupos masculinistas defendem a tripla lógica da misoginia, do colonialismo e da eugenia. No escopo de tais grupos, mulheres racializadas tendem a ser alvo do cruzamento entre racismo e misoginia, se

tornando vítimas de memes e vídeos que escarnecem de suas características físicas.

O quinto vídeo analisado foi publicado pelo influenciador no dia 21 de fevereiro de 2024, contando com aproximadamente mil visualizações no Tik Tok.

Figura 10 — Captura de tela do vídeo publicado no dia 21 de fevereiro de 2024 (Vídeo 05)



Fonte: Farias (2024).

No vídeo acima, Thiago Schutz responde à questão acerca do envio de mensagens no dia seguinte após encontros sexuais com mulheres. Ele diz: *“Porém, mano, quando você toma uma falsa acusação, você fica um pouco mais ligeiro com as coisas. [...] Hoje eu mando mensagem, cara, pra mina no dia seguinte. Tipo assim, mano, foi da hora pra caralho ontem, né? Só. Só pra mina confirmar, entendeu?”*. O influenciador afirma ter passado a enviar mensagens a fim de adquirir para si álibi, confirmando que a mulher com a qual se relacionou estava ciente da relação sexual. Ainda em seu discurso, Thiago cita um suposto caso de falsa acusação que teria recebido de uma mulher, mas alegou que não havia suposição de violência sexual. Contudo, cita um homem chamado Taylor como tendo sido supostamente vítima de uma denúncia falsa.

O discurso trazido pelo influenciador comunga com a teoria de que o número excedente de denúncias de violências sexuais cometidas por homens se constitui por uma parcela elevada de acusações falsas. Se faz necessário salientar que esta é uma noção recorrente na cultura. Afinal, se constrói a percepção social de que mulheres utilizam denúncias de agressão sexual e violência doméstica a fim de escarnecer da índole masculina. Para além disso, paira no ar o discurso de que mulheres, em determinadas circunstâncias, instigam e buscam pela violência sexual. Tais crenças sociais foram amplamente difundidas na literatura e em demais espaços da cultura de massas, assim como em áreas do conhecimento (Brownmiller, 2023).

Os homens têm uma boa razão para defender com tanto afincamento a ideia de que “toda mulher deseja ser estuprada”. Considerando que o estupro é um ato que os homens praticam em nome da própria masculinidade, é do interesse deles acreditar que as mulheres também desejam o estupro em nome da feminilidade. Segundo a dicotomia que os homens estabelecem, uma parte é ativa, e outra, passiva. Essa crença não é mera insensibilidade arrogante; é a crença na retidão suprema do poder masculino. (Brownmiller, 2023, p. 374)

O temor de supostas falsas acusações de estupro tende a ser uma constante incentivada por grupos masculinistas, contribuindo para o imaginário misógino o qual pinta mulheres enquanto megeras as quais buscam distorcer a suposta honra masculina através de processos judiciais e escárnio público.

4.1.2 4.3 Respondendo aos fãs no Tik Tok

Nas 05 publicações presentes nesta categoria, analisamos respostas gravadas em vídeo por Thiago Schutz e direcionadas à sua audiência. No ambiente digital, as interações entre produtores de conteúdo e seus seguidores se dão através das ferramentas disponibilizadas pelas plataformas de cada rede social. Ao abordar as funcionalidades oferecidas pelo Tik Tok, salienta-se que curtidas,

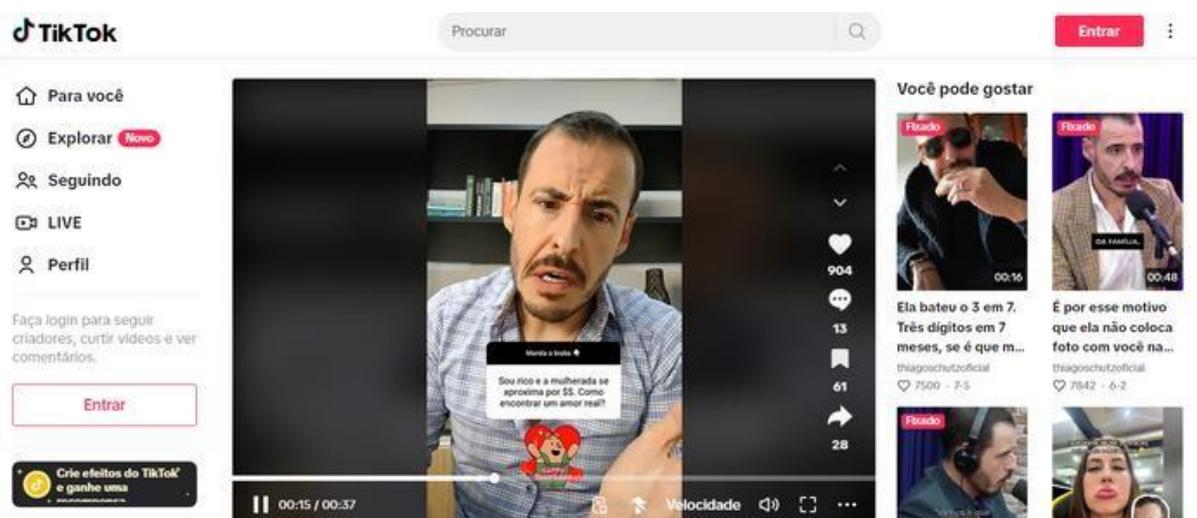
compartilhamentos, reblog, comentários e costura são largamente utilizados a fim de sustentar uma perspectiva de proximidade entre usuários anônimos e famosos, fomentando o fortalecimento de comunidades (Cueto, 2023).

Nesse quesito, os vídeos nos quais o influenciador disponibiliza a função de perguntas e respostas tendem a servir como um método, visando a criação de conteúdos que promovam uma proximidade direta, os quais estão presentes em redes sociais como o Instagram e o Tik Tok. Tais ferramentas fortalecem o vínculo e a ideação de autoridade entre os usuários e seus influenciadores favoritos, se configurando como uma das funções mais interessantes na construção de uma análise das interações entre a audiência e criadores de conteúdo.

Esta ferramenta é utilizada com frequência pelo influenciador Thiago Schutz, que compartilha diversos vídeos em formato de perguntas e respostas em suas redes sociais. Através de tais métodos, o influenciador busca fidelizar a sua audiência, incrementando aspectos do marketing em torno de suas consultorias especializadas, livros, palestras e programas paralelos.

O primeiro vídeo a ser analisado nesta categoria foi publicado pelo influenciador no dia 30 de maio de 2024, contando com aproximadamente 37 mil visualizações no Tik Tok.

Figura 11 — Captura de tela do vídeo publicado no dia 30 de maio de 2024 (Vídeo 06)



Fonte: Farias (2024).

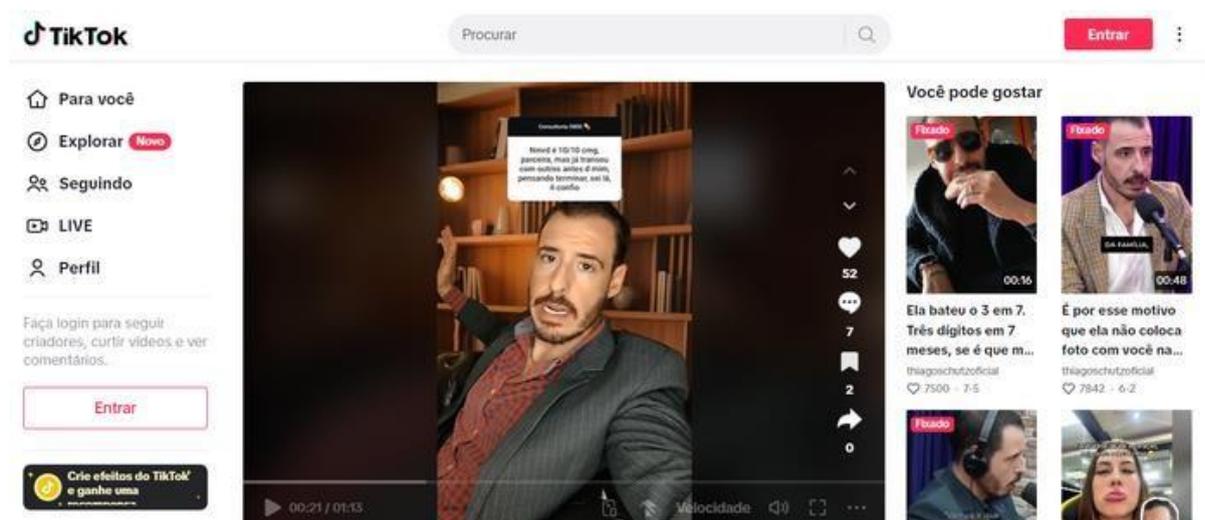
Acima, Thiago Schutz responde à questão de um seguidor que afirma ter alto poder aquisitivo. Mas que, contudo, não consegue se sentir beneficiado em suas relações românticas por não encontrar o amor e somente deparar-se com mulheres supostamente interessadas em suas finanças. O influenciador, em sua resposta, afirma que homens não devem buscar pelo amor na mesma medida que mulheres, argumentando de modo irônico que este seria um ideal ilusório para homens, sendo benéfico para eles apenas quando se tornam o alvo do amor feminino. Como conselho final, Thiago instrui o seguidor a buscar por mulheres que possuam o mesmo padrão financeiro, sendo esta supostamente a única maneira de encontrar um relacionamento no qual a mulher não se beneficie da ingenuidade masculina.

No esqueleto de seu discurso, é possível identificar aspectos comuns às noções culturais acerca dos papéis atribuídos a mulheres e homens no esquema dos relacionamentos amorosos. No contexto em que a masculinidade pode ser definida como supressão da vulnerabilidade e da permeabilidade, assim como da permissão para se ser afetado pelas emoções tidas como vulnerabilizadas (Déri, 2022), a busca masculina por se tornar objeto do afeto romântico do outro, neste caso, da outra, se configura como uma perversão da ordem sexista nas relações heterossexuais (Zanello, 2018).

Desta forma, as falas proferidas por Thiago, “(sic) *Cê tá procurando o amor real? Igual ao dos filmes românticos? Cheio de coisa bonitinha e gostosa porque você precisa de amor tanto quanto uma mulher?*”, ressoam na expectativa social da impenetrabilidade masculina. Espera-se que o homem seja aquele que possui, jamais aquele que é possuído. Assim, a busca masculina pelo afeto feminino configura-se como uma subversão do modelo tradicional, no qual mulheres seriam responsáveis por reproduzirem um interesse romântico baseado na busca pelo vínculo enquanto homens reproduzem um modelo de caráter evitativo (Zanello, 2018; Graham; Rawlings; Rigsby, 2021).

O segundo vídeo analisado nesta categoria foi publicado pelo influenciador no dia 02 de agosto de 2024, contando com aproximadamente mil e quinhentas visualizações no Tik Tok.

Figura 12 — Captura de tela do vídeo publicado no dia 02 de agosto de 2024 (Vídeo 07)



Fonte: Farias (2024).

No vídeo acima, Thiago Schutz responde a duas perguntas distintas em um único apanhado. Ele diz: “*Deixa eu te falar uma coisa, mano. Que mundo que cê tá? [...] Qual mulher hoje já não teve um parceiro sexual antes? Cê quer uma mulher virgem? Eu vou falar uma coisa pra você, uma realidade, vai dar um trampo pra você encontrar que é absurdo. Não que seja impossível, mas cara do céu... [...] qual é o*

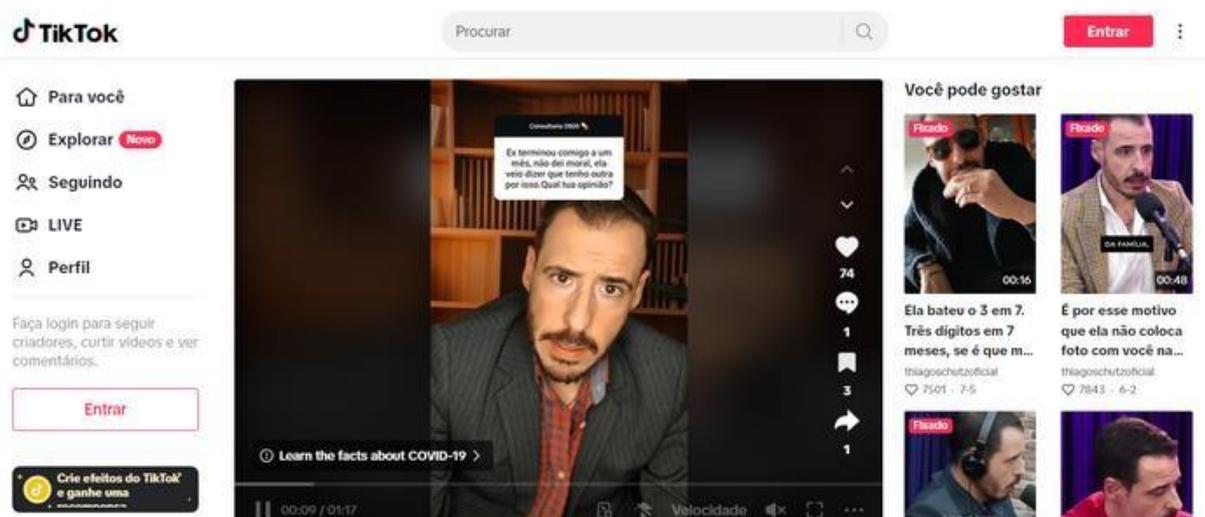
segredo aí? Cê pegar a mulher menos pior". Na parte inicial, o influenciador responde um seguidor que afirma namorar uma mulher pela qual nutre afeição, no entanto, cogita separar-se, pois, a parceira manteve relações sexuais com outros homens antes do relacionamento presente. Ao decorrer de sua resposta, o influenciador afirma que encontrar uma mulher virgem se trata de uma tarefa árdua, sendo aconselhável que os homens busquem aquelas que possuíram uma vida sexual menos ativa antes de iniciarem o relacionamento.

A segunda questão respondida partiu de uma seguidora que se define como mãe de dois meninos na faixa etária dos 09 e 13 anos de idade. A mulher compartilha que seu filho mais velho está lendo um dos livros de Thiago Schutz e afirma temer que ambos os meninos não encontrem mulheres dignas para se relacionar no futuro. À essa seguidora, Thiago responde que é positivo dar aos meninos acesso aos seus conteúdos, afirmando que será uma contribuição para que consigam relacionar-se com mulheres 'de valor' na fase adulta.

Em ambas as respostas, o influenciador alude às tipificações sociais da feminilidade (Graham; Rawlings; Rigsby, 2021), cujas normas se baseiam na repressão sexual feminina, na submissão e na constante necessidade de autodefinir-se a partir da perspectiva masculina (Zanello, 2018). Dessa maneira, o influenciador defende que as mulheres 'de valor' seriam aquelas que reprimem a sua sexualidade, se permitindo ser sexualmente despertadas e conduzidas por seus parceiros. Há, a partir deste ponto, uma semelhança com os discursos das religiões de ordem patriarcal, nas quais meninas são preparadas para o matrimônio desde a tenra idade a fim de que suas capacidades sexuais e reprodutivas sejam inteiramente controladas por seus parceiros (Lerner, 2019).

O terceiro vídeo a ser analisado nesta categoria foi publicado pelo influenciador no dia 01 de agosto de 2024, contando com aproximadamente 2 mil visualizações no Tik Tok.

Figura 13 — Captura de tela do vídeo publicado no dia 01 de agosto de 2024 (Vídeo 08)



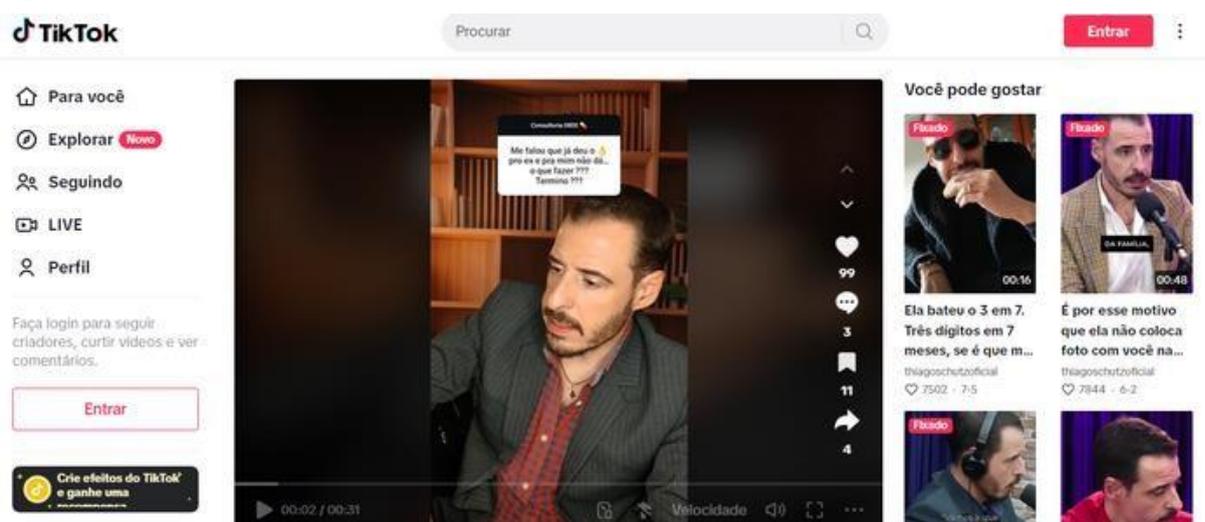
Fonte: Farias (2024).

A publicação acima também possui o modelo de duas respostas condensadas em um único vídeo. Ele diz: *“Ela terminou contigo, o que ela esperava? Que você fosse rastejar atrás dela falando pelo amor de deus, não me deixa. O que é que você fez? Não deu moral pra ela, seguiu sua vida. [...] Como que ela poderia chamar a sua atenção de uma forma mais madura? Olha, acho que eu fui precipitada, não estava esperando esse término [...], mas o que é que ela fez, como quase todas as mulheres fazem, tentou jogar a culpa no cara”*. Na primeira questão apresentada, um dos seguidores narra ter finalizado o relacionamento com uma mulher que, após certo tempo, alegou que a finalização do relacionamento se deu pelo fato do ex-parceiro ter buscado outra mulher. A segunda questão se constituía na dúvida de um seguidor acerca de qual seria o tempo ideal para insistir no retorno de um relacionamento após um término.

Em ambos os casos, Thiago Schutz argumenta que mulheres tendem a produzir factoides quando desejam separar-se e lançam sobre os homens a culpabilização pelo término, citando que seria mais digno não insistir no regresso de uma ex-parceira. Neste vídeo, o influenciador favorece as lógicas de independência e sobriedade emocional que tendem a ser atribuídas aos homens em razão das expectativas em torno da masculinidade (Déri, 2022).

O quarto vídeo analisado nesta categoria foi publicado pelo influenciador no dia 30 de julho de 2024, contando com aproximadamente 2 mil e duzentas visualizações no Tik Tok.

Figura 14 — Captura de tela do vídeo publicado no dia 30 de julho de 2024 (Vídeo 09)



Fonte: Farias (2024).

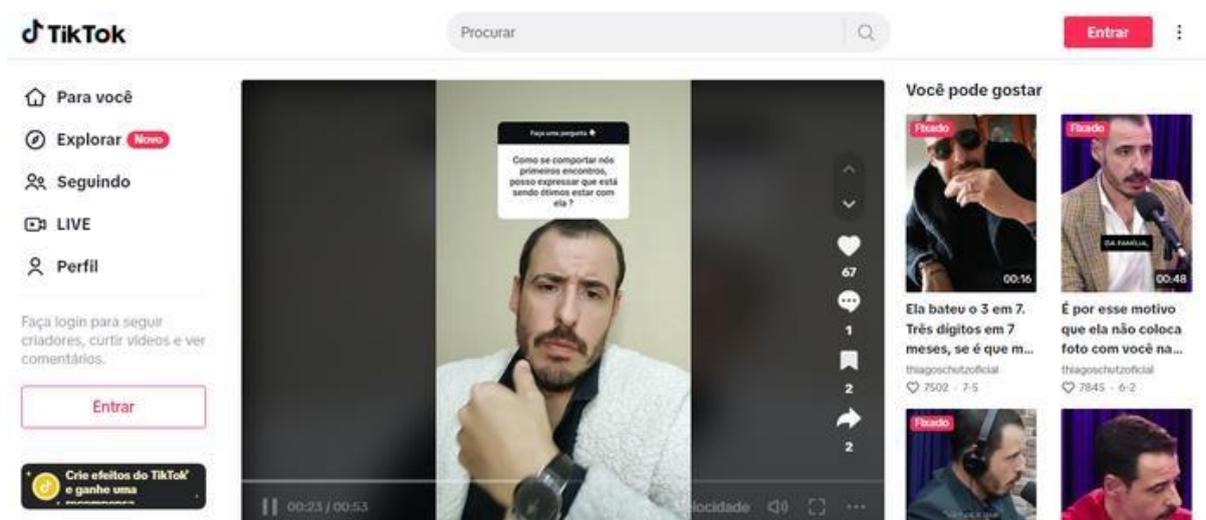
No vídeo, Thiago Schutz responde a um seguidor que lhe questiona se o fato da sua atual companheira lhe negar sexo anal, tendo realizado a prática em um relacionamento anterior, seria motivação suficiente para finalizar o relacionamento. Ele diz: *“as mulheres criam regras para os betas e elas quebram essas mesmas regras para os alpha. Ela vê muito mais o ex-namorado dela sendo um cara pica e foda do que você. Por isso que ela já deu o brioco pro cara e não deu pra você.”* O influenciador afirma que certamente o homem com o qual a mulher citada se relacionou no passado mobiliza a sua sexualidade de maneira mais profunda do que o companheiro atual, autor da pergunta.

Thiago defende a teoria de que mulheres estipulam determinadas regras para homens classificados como *beta*, enquanto possuem um maior nível de permissividade com aqueles considerados *alpha*. Nesse contexto, o influenciador retoma a mitologia em torno da masculinidade ideal (Déri, 2022), comparando as

relações interpessoais entre humanos às relações entre outras espécies, nas quais somente o macho *alpha* tem acesso irrestrito às fêmeas. Para além do esquema de classificação das personalidades masculinas, se faz necessário compreender a necessidade da hostilização dos homens considerados *beta*, frágeis e suscetíveis às mulheres, na comunidade redpill. Afinal, tais percepções são utilizadas sob um viés de comportamento, a fim de manter a adesão dos integrantes aos discursos vinculados à masculinidade e dissuadi-los de ideais que destoam da ideologia masculinista.

O quinto vídeo analisado nesta categoria foi publicado pelo influenciador no dia 23 de julho de 2024, contando com aproximadamente mil e setecentas visualizações no Tik Tok.

Figura 15 — Captura de tela do vídeo publicado no dia 23 de julho de 2024 (Vídeo 10)



Fonte: Farias (2024).

Na publicação acima, Thiago Schutz responde a um seguidor que o questiona como proceder durante os primeiros encontros com mulheres. Ele diz: “*Negativo. Você não expressa isso, você não verbaliza isso. Pra você todo o primeiro encontro, todo último encontro é como se fosse uma coisa normal. [...] Essa mulher mandando uma mensagem pra mim, oi, Thiago, adorei sair com você, você é um cara foda, espetacular, sensacional. Nesses dois pontos, quem que está colocando quem no pedestal?*”? Na resposta oferecida, o influenciador sugere

esperar que a mulher expresse cumprimentos, confirmando que o encontro foi agradável e elogiando o parceiro. Segundo Thiago, é mais desejável ser posto em um pedestal por uma mulher do que fazê-lo a ela.

Na estratégia defendida pelo influenciador, reside um princípio recorrente na comunidade redpill no que tange o modo comportamental em relacionamentos amorosos. Vigora, sobretudo, a ideologia do racionamento de afeto, que seria uma estratégia de manipulação emocional vinculada ao love bombing (bombardeio de amor). Nesse contexto, o indivíduo agiria de forma destoante, ora a partir de uma perspectiva afetuosa, ora com indiferença, contribuindo para dinâmicas de dependência emocional.

Na obra *Loving to Survive: Sexual Terror, Men 's Violence, and Women's Lives* (Graham; Rawlings; Rigsby, 2021), é exemplificado que tais dinâmicas tendem a funcionar no período inicial de relacionamentos heterossexuais. Se faz necessário não apenas fomentar dinâmicas de codependência, mas também alimentar nas mulheres a noção de gratificação a partir do momento em que são escolhidas (Zanello, 2018) por seus parceiros.

A maioria das mulheres sabe que o período em que mais receberão atenção, gentileza e carinho de um homem é na fase do namoro. Com o casamento, a prestação de serviços para ele começa efetivamente: lavar suas roupas, preparar suas refeições, limpar sua casa [...]. Uma vez casado, a atenção amorosa do homem com a mulher é esquecida rapidamente, pois ele assume que agora ela lhe pertence. Em troca de alguns meses ou anos de gentileza genuína na fase do galanteio, uma mulher oferece ao homem uma vida inteira de trabalho doméstico. (Graham; Rawlings; Rigsby, 2021, p. 128).

Dessa maneira, mulheres são conduzidas à crença de que seu valor intrínseco reside no quão lhes é possível despertar a atenção masculina e mantê-la, na forma de galanteios e da gentileza genuína, pelo maior período possível. Ao compartilhar com seus seguidores determinados conhecimentos a respeito das dinâmicas relacionais entre homens e mulheres, Thiago Schutz demonstra como os

discursos defendidos pela comunidade redpill se relacionam intimamente com noções patriarcais presentes em nossa sociedade há milênios (Lerner, 2019).

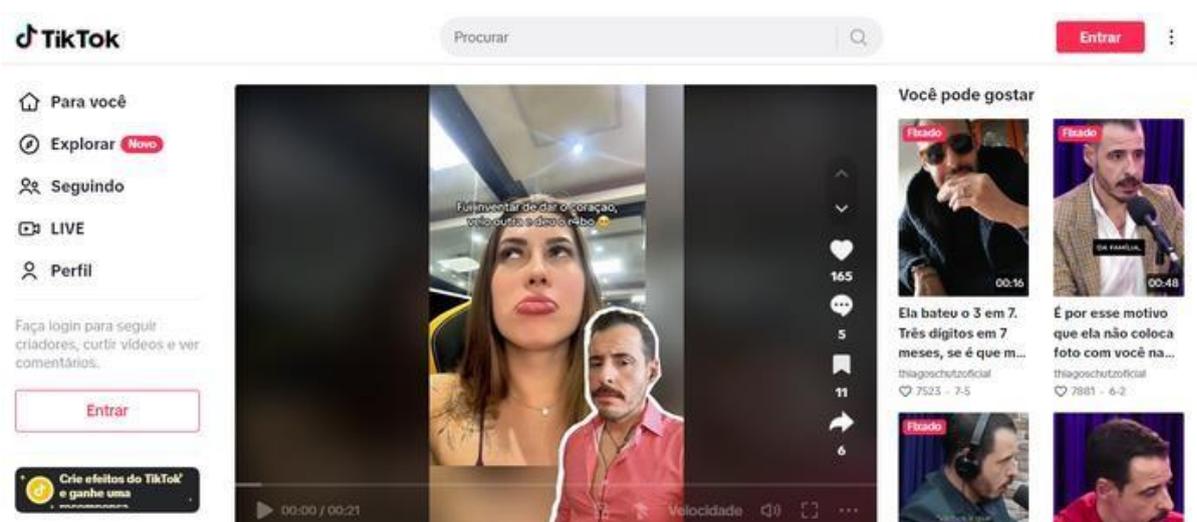
4.1.2.1 React à vídeos com teor masculinista no Tik Tok

Nas 05 publicações presentes nesta categoria, analisamos vídeos nos quais Thiago Schutz reage ao conteúdo de outros influenciadores digitais ou usuários comuns da rede social. Nas dinâmicas do Tik Tok, as funcionalidades de reação, costura e mixagem, na qual um indivíduo pode selecionar partes dos vídeos de outros criadores de conteúdo e criar um material a partir do mesmo, tendem a ser largamente utilizadas. Tais recursos são empregues a fim de alavancar a popularidade partindo de uma temática em evidência na rede social.

Dessa forma, influenciadores como Thiago Schutz selecionam vídeos os quais comungam com as temáticas abordadas em seus respectivos grupos a fim de produzir um conteúdo dinâmico, cujo objetivo é fortalecer os laços ideológicos já estabelecidos.

O primeiro vídeo analisado nesta categoria foi publicado pelo influenciador no dia 08 de agosto de 2024, contando com aproximadamente cinco mil e trezentas visualizações no Tik Tok.

Figura 16 — Captura de tela do vídeo publicado no dia 08 de agosto de 2024 (Vídeo 11)



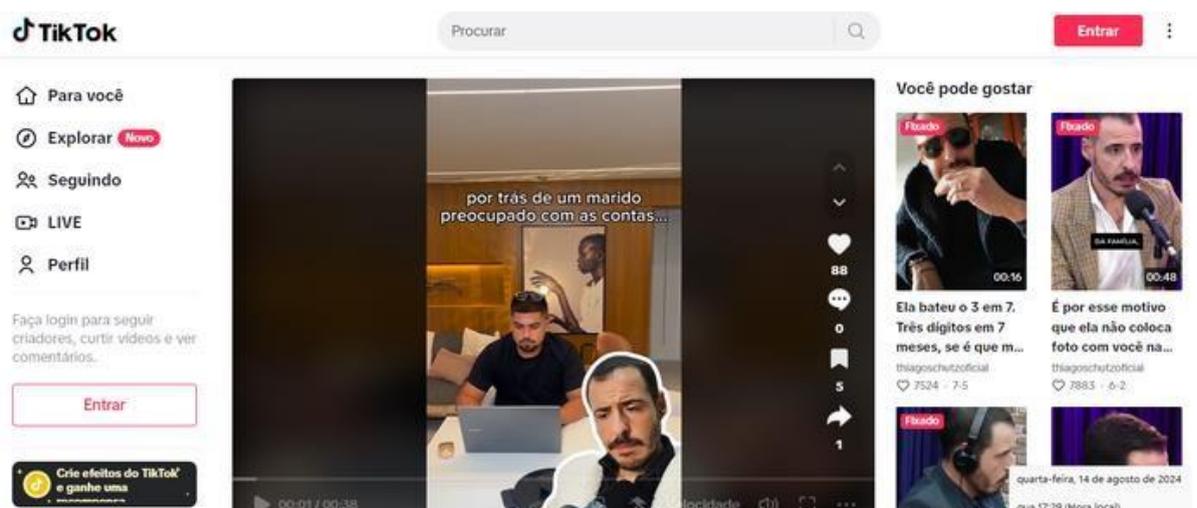
Fonte: Farias (2024).

Na publicação acima, Thiago Schutz reage a um vídeo cuja influenciadora não é identificada. No vídeo, há uma canção de fundo e a frase “*fui inventar de dar o coração, veio outra e deu o rabo*”. Segundo o influenciador, mulheres não deveriam importar-se sobre ‘dar apenas o coração’ ou ‘dar apenas o rabo’, mas sim em oferecer serviços completos, como cozinhar, servir a comida e supostamente ofertar ‘paz’ ao parceiro. “*Tem que dar o combo inteiro, dá o coração, dá o rabo, a comida, bem-feita, uma roupa lavada. Ganha o cara.*”, ele diz. Em seu discurso, Thiago Schutz salienta a perspectiva de que mulheres devem sentir-se incumbidas pela manutenção dos relacionamentos, sendo responsáveis por suprir as demandas mais profundas de seus parceiros.

O influenciador retoma a mesma perspectiva em demais vídeos de reação nos quais atribui a manutenção do relacionamento amoroso à capacidade feminina de prestar serviços específicos aos seus parceiros. Tais noções se fundamentam na crença de que mulheres estão, sobretudo, inerentemente atreladas à execução de serviços domésticos (Beauvoir, 2014), culminando ainda com a lógica de hipervigilância, na qual mulheres são socialmente conduzidas a estarem atentas aos anseios e expectativas de seus parceiros (Graham, 2021).

O segundo vídeo analisado nesta categoria foi publicado pelo influenciador no dia 07 de junho de 2024, contando com aproximadamente três mil e quatrocentas visualizações no Tik Tok.

Figura 17 — Captura de tela do vídeo publicado no dia 07 de junho de 2024 (Vídeo 12)



Fonte: Farias (2024).

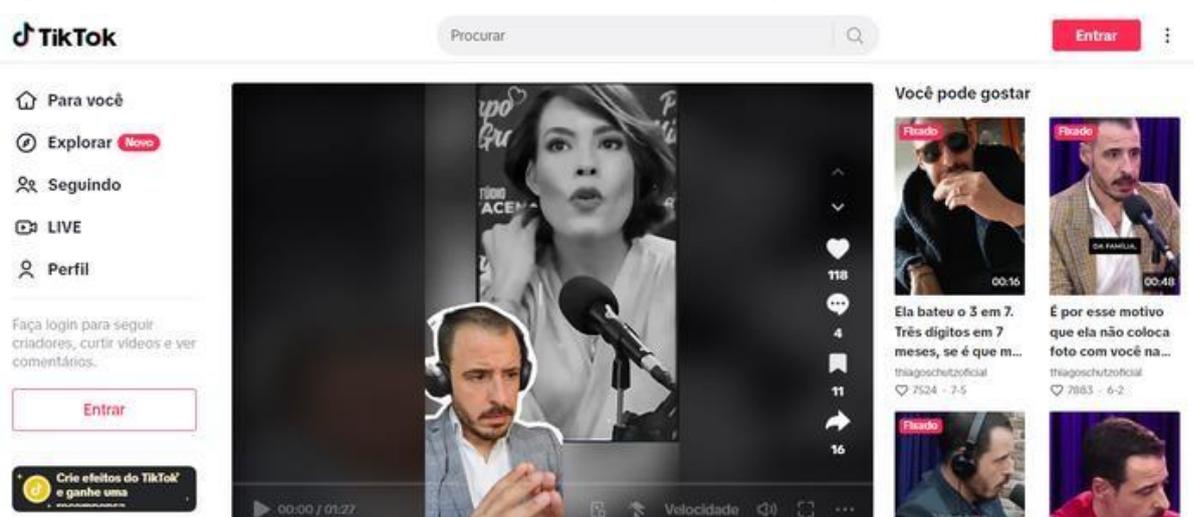
Thiago Schutz reage a um vídeo cujo influenciador não está identificado. Pode-se ver uma encenação na qual um homem está aparentemente preocupado com as dívidas da casa, enquanto uma mulher passa ao fundo com inúmeras compras. No vídeo se percebe os seguintes dizeres: *“por trás de um marido preocupado com as contas... tem uma mulher que ama gastar”*. Ao reagir a esta publicação, Thiago Schutz afirma completar casos assim com imensa frequência, onde homens tentam sustentar suas famílias enquanto mulheres gastam finanças com superfluidades. *“[...] Eu sei que isso é real com muitos casais. Eu sei que tem muito cara que passa por isso aqui. O cara enforcado, dando nó em pingo d’água pra conseguir pagar mano a porra da casa inteira, a mulher ao invés de ser uma mulher madura e inteligente, e sentar com o cara, não vamos sair juntos dessa situação, [...] o que é que ela faz? Vai lá e gasta mais”,* diz o influenciador.

Se faz necessário salientar que no interior da comunidade redpill, o mito da superficialidade e da ganância feminina tende a ser largamente utilizado a fim de

moldar o discurso que aponta homens como valorosos e dedicados, enquanto mulheres seriam descritas como ‘megeras’ ou ‘egocêntricas’. Nesse contexto, a ratificação da imagem de provedor compromissado contribui para a criação de uma perspectiva de superioridade moral masculina (Déri, 2022), quando na realidade, mulheres se constituem como as maiores chefes de famílias monoparentais no Brasil (Cut, 2023).

O terceiro vídeo analisado nesta categoria foi publicado pelo influenciador no dia 04 de março de 2024, contando com aproximadamente mil e setecentas visualizações no Tik Tok.

Figura 18 — Captura de tela do vídeo publicado no dia 04 de março de 2024 (Vídeo 13)



Fonte: Farias (2024).

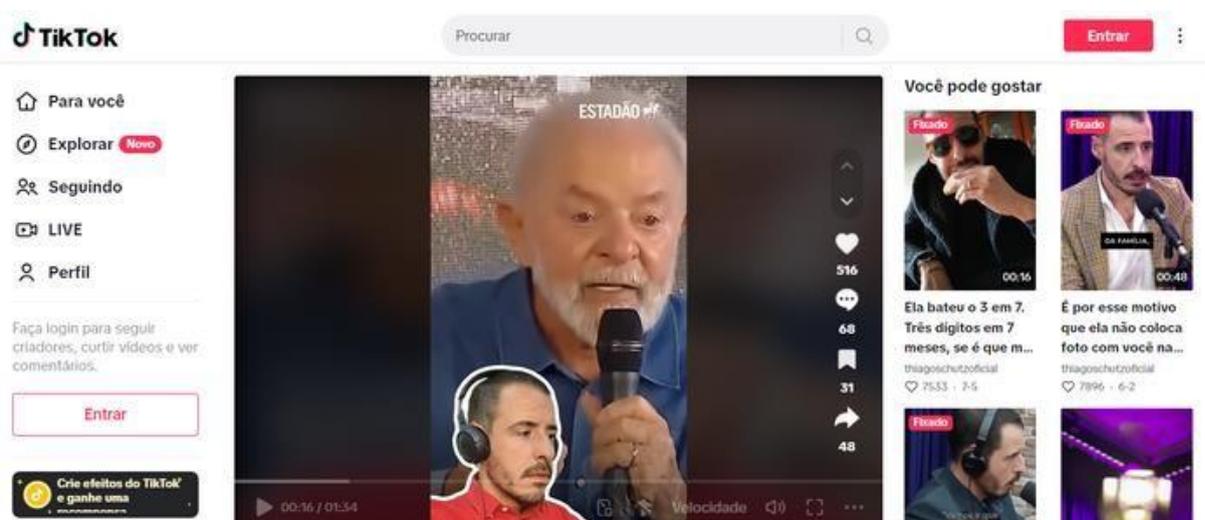
No vídeo acima, Thiago Schutz reage a um ‘corte’ de podcast no qual uma mulher aborda a suposta promiscuidade feminina nas academias voltadas aos exercícios físicos. Segundo ela, mulheres vestem peças de roupa justas ao corpo na intenção de provocar lascívia sexual nos homens ali presentes. “*Deu a letra demais, se não tivesse homem na academia, se não tivesse rede social, metade das mulheres não iria nem malhar*”, diz Thiago. Ao decorrer de seu discurso face ao vídeo, o influenciador afirma que parte considerável das mulheres não faria

exercícios físicos em academias caso não houvesse a presença de homens e a possibilidade de compartilhar conteúdo nas redes sociais.

A perspectiva de que mulheres viveriam em função do desejo masculino (Zanello, 2018) está presente no imaginário redpill e tende a ser largamente difundida por seus integrantes. Nesse contexto, a própria existência feminina como sujeito não seria levada em consideração para além de sua serventia ao olhar masculino.

O quarto vídeo a ser analisado nesta categoria foi publicado pelo influenciador no dia 02 de julho de 2024, contando com aproximadamente dez mil e quinhentas visualizações no Tik Tok.

Figura 19 — Captura de tela do vídeo publicado no dia 02 de julho de 2024 (Vídeo 14)



Fonte: Farias (2024).

Neste vídeo, Thiago Schutz reage a uma das falas do atual presidente Luís Inácio Lula da Silva, na qual aborda a importância educacional para a empregabilidade na população. Ao decorrer de seu discurso, o presidente afirma que é preciso ter uma profissão, *“se a gente não tiver uma profissão, a gente vai ser ajudante geral e ajudante geral não ganha nada. Nenhuma mulher quer namorar com um cara que mostra a carteira profissional, qual é a tua profissão? Ajudante geral.”*, diz Luís Inácio. Durante a sua reação, Thiago Schutz rebate ao afirmar que

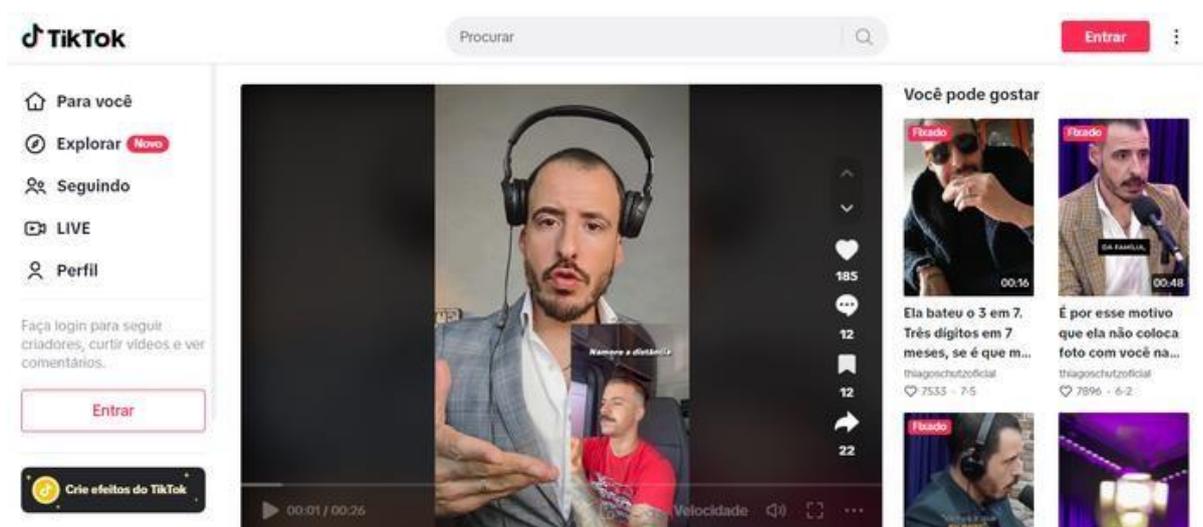
“se o cara for um ajudante geral e trabalhar de forma honesta, ele não rouba ninguém, não mente pra ninguém pra poder levar o sustento pra família dele, qual o problema com isso?”.

Dentro das noções de constituição da masculinidade, as capacidades de aquisição e manutenção de capital financeiro são definidoras de uma adesão bem-sucedida à masculinidade (Déri, 2022). Dessa forma, homens os quais não acumulam um grande poder aquisitivo, sendo considerados incapazes de sustentar a si mesmos e suas famílias, seriam diretamente atingidos em sua capacidade de adesão às noções mais básicas da masculinidade.

Contudo, como um dos objetos mais importantes da comunidade redpill é maximizar seu poder de adesão e manutenção de adeptos, a ode ao poder aquisitivo por vezes tende a ser substituída pela apelação aos conceitos de superioridade moral. Desse modo, máximas como ‘pai de família’, ‘trazer o sustento para a família’ e ‘ter um trabalho honesto’, tendem a ser utilizadas a fim de não gerar afastamento em homens financeiramente malsucedidos.

O quinto e último vídeo analisado foi publicado pelo influenciador no dia 04 de junho de 2024, contando com aproximadamente oito mil e setecentas visualizações no Tik Tok.

Figura 20 — Captura de tela do vídeo publicado no dia 04 de junho de 2024 (Vídeo 15)



Fonte: Farias (2024).

Na publicação acima, Thiago Schutz reage ao vídeo de um indivíduo não identificado. No início do vídeo, o influenciador diz: “*Namoro à distância pode funcionar? Eu tenho a resposta pra vocês*”. Após a frase, o vídeo continua com o indivíduo enviando um áudio para a suposta namorada à distância, desejando agendar uma videochamada, ao que a namorada responde com um áudio o qual dá a entender que está omitindo o fato de estar em meio ao ato sexual com outro homem.

O vídeo possui um caráter irônico, fomentando a crença na infidelidade feminina e mais uma vez fazendo alusão ao discurso de subserviência dos homens considerados beta às mulheres classificadas enquanto ‘megeras’ insensíveis, que teoricamente buscam obter vantagens a partir dos sentimentos masculinos.

Se faz necessário compreender que toda esta mitologia, assim como os símbolos e nuances nela empregados, se configura enquanto um dos pilares mais caros às ideologias masculinistas. Pois, através de um apelo à comicidade e aos aspectos misóginos da cultura (Zanello, 2018), a comunidade redpill se torna mais palatável à audiência masculina, pavimentando o caminho à radicalização.

5 CONCLUSÃO

Esta investigação realizou uma análise da utilização do Tik Tok na comunidade redpill no Brasil. Assim, a fim de compreender como o fenômeno redpill se desenvolve no contexto brasileiro da plataforma, foi realizada uma análise de conteúdo dos vídeos coletados no perfil do integrante mais proeminente da comunidade no Brasil, o influenciador Thiago Schutz.

No intuito de promover uma compreensão do objeto desta investigação, foram estipulados três objetivos específicos os quais consistiam em analisar como o fenômeno redpill se desenvolve no contexto brasileiro da plataforma Tik Tok, suas características, desenvolvimento algorítmico e a maximização dos discursos de ódio contra às mulheres através dos espaços digitais, entender como funciona a rede social Tik Tok, quais são as suas regras, permissões e interdições que possibilitam a existência e crescimento desses grupos; analisar o contexto brasileiro na rede e sua influência na organização digital dos grupos extremistas que a utilizam a fim de atrair novos adeptos e propagar a sua ideologia e por fim observar a construção narrativa empregada pelos redpills brasileiros na constituição de sua identidade mediática, o uso de vídeos e outros recursos retóricos típicos da rede social que utilizam.

Verificou-se que a rede social Tik Tok se trata de um dos pontos de maior adesão da comunidade redpill brasileira, sendo largamente utilizada em associação com demais redes tais como o Youtube e o Instagram. Depois, percebeu-se a presença dos fatores estruturantes das noções de masculinidade na comunidade redpill, suas estratégias discursivas com o intuito de atrair novos adeptos e a construção de suas narrativas, em especial, através de sua mitologia específica, como a classificação de alphas, betas e sigmas.

Com os resultados colhidos, a hipótese da utilização da rede social Tik Tok como espaço de produção, adaptação e adesão aos discursos da comunidade redpill confirmou-se. Dessa forma, através da análise dos vídeos selecionados de

Thiago Schutz, se fez possível destrinchar a tessitura do discurso redpill, seus desdobramentos e ecos nas crenças sociais em torno da masculinidade, da feminilidade e dos papéis atribuídos a homens e mulheres na sociedade.

Sendo assim, é possível afirmar que o movimento redpill contribui para a radicalização de meninos e homens e sua adesão às perspectivas extremistas, favorecendo o aprofundamento da misoginia e de demais opressões produzidas contra indivíduos de outras minorias no Brasil. Os instrumentos utilizados na coleta de dados permitiram uma compreensão mais ampla do material analisado, não apenas apontando as particularidades da interpretação dos discursos, como também as similaridades entre aspectos dos discursos redpill e masculinistas combatidos por teóricas feministas no século XX.

Se fez notória a influência de figuras proeminentes no cenário redpill, como Thiago Schutz, na retirada exclusiva do movimento dos fóruns online e sua ascensão às redes sociais da superfície, ingressando em tópicos de matérias jornalísticas, temas de documentários, filmes de ficção e podcasts. Desenvolvendo desta forma uma presença massiva na internet, o movimento contribuiu para a criação de uma subcultura em expansão dentro e fora da machosfera.

Assim, em investigações futuras, se pode cogitar um aprofundamento nas estruturas do masculinismo contemporâneo e sua união indissociável aos movimentos de extrema-direita, assim como um estudo da influência do Tik Tok e de demais redes sociais na guinada à direita que tem se feito notória em inúmeros países ocidentais e ocidentalizados. Se faz necessário, sobretudo, compreender que a abordagens dos temas expostos nesta investigação são de sumo interesse social, pois favorecem discussões pertinentes em torno dos direitos das mulheres, do combate à misoginia e às violências feitas aos grupos minoritários, visando contribuir para a manutenção da saúde mental de crianças, adolescentes, mulheres e demais minorias afetadas por este fenômeno.

Por fim, deixo esta investigação como minha contribuição inicial para a literatura acadêmica em torno do masculinismo e da comunidade redpill. Visando

que este esforço, para além dos riscos que representa à minha segurança, possa despertar o interesse de demais pesquisadoras e pesquisadores sobre essa temática tão urgente.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Ana Luísa. **Quem são as 'tradwives', donas de casa de direita que conquistam seguidores**. Folha de São Paulo. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2024/02/quem-sao-as-tradwives-donas-de-casa-de-direita-que-conquistam-seguidores.shtml>. Acesso em: 1 ago. 2024.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**, f. 141. 2007. 281 p.
- BEAUVOIR, Simone de. **A experiência vivida**, f. 258. 1959. 516 p.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Nova Fronteira, v. 3, f. 468, 2014. 936 p.
- BLOG MLABS. **Redes sociais mais usadas**. Blog Mlabs. 2024. Disponível em: <https://www.mlabs.com.br/blog/redes-sociais-mais-usadas>. Acesso em: 1 ago. 2024.
- BARBOSA, Juliana. **Quem é Thiago Schutz, “coach/calvo do Campari” que ameaçou atriz de morte**. Metrôpoles. 2023. Disponível em: <https://www.metropoles.com/entretenimento/quem-e-thiago-schutz-coach-da-campari-que-ameacou-atriz-de-morte>. Acesso em: 16 oct. 2024.
- BROWNMILLER, Susan. **Contra a nossa vontade**. Tradução Mariana Coimbra e Beatriz Tamaris Otsuka. São Paulo: Cassandra, v. 1, 2023. 525 p.
- CONNELL, R. W. **Masculinities**. Second Edition, 2005. Barkeley, CA: University of California Press.
- CONNELL, R. W. **Gender and Power: Society, the Person and Sexual Politics**. Stanford University Press, 1987.
- CARLOS, Tomás Kleber; DIAS, Henrique. **Thiago Schutz se torna réu por ameaça e violência psicológica contra Lívia La Gatto e Bruna Volpi**. G1. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/03/22/thiago-schutz-se-torna-reu-por-ameaca-e-violencia-psicologica-contra-livia-la-gatto-e-bruna-volpi.ghtml>. Acesso em: 22 set. 2023.
- CARROL, Lewis. **Alice no País das Maravilhas**. Leya, v. 3, f. 62, 2011. 124 p.
- CARTA CAPITAL. **Brasil registra pico de feminicídios em 2022, com uma vítima a cada 6 horas**. Carta Capital. 2023. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/justica/brasil-registra-pico-de-feminicidios-em-2022-com-uma-vitima-a-cada-6-horas/#:~:text=O%20Brasil%20registrou%2C%20no%20ano,divulgados%20nesta%20quarta%2Dfeira%208>. Acesso em: 1 ago. 2024.
- CENSO BRASILEIRO. **Censo Demográfico 2022: Resultados Preliminares**. [S.l.: s.n.], 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/> Acesso em: 15 oct. 2024.

CASTANHO, Carla. **Red pill, MGTOW, incel, alfa, beta**: quem é quem na machosfera. Jornal GGN. 2023. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/noticia/red-pill-mgtow-incel-alfa-beta-quem-e-quem-na-machosfera>. Acesso em: 9 ago. 2024.

CETIC. **TIC Kids Online Brasil 2023**: Crianças estão se conectando à Internet mais cedo no país. Cetic.br. 2023. Disponível em: <https://cetic.br/pt/noticia/tic-kids-online-brasil-2023-criancas-estao-se-conectando-a-internet-mais-cedo-no-pais/>. Acesso em: 1 ago. 2024.

CRENSHAW, Kimberlé. **On Intersectionality**: Essential Writings, f. 160. 2018. 320 p.

CUETO, José Carlos. **Qual a diferença entre o TikTok e o Douyin, versão do app usada na China**. BBC News Brasil. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cq5zydp59j7o>. Acesso em: 1 ago. 2024.

DO, Linda. **TikTok Hashtags: How to Use Them to Boost Your Brand Reach?**. Nestscale. 2023. Disponível em: <https://nestscale.com/blog/tiktok-hashtags.html>. Acesso em: 19 ago. 2024.

DUPUIS-DÉRI, Francis. **A crise da masculinidade**: Anatomia de um mito persistente. Editora Blucher, v. 3, f. 185, 2022. 370 p.

DWORKIN, Andrea. **Right-wing Women**. TarcherPerigee, f. 134, 1982. 268 p.

FARIAS, Victor *et al.* **Brasil bate recorde de feminicídios em 2022, com uma mulher morta a cada 6 horas**. G1. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2023/03/08/brasil-bate-recorde-de-femicidios-em-2022-com-uma-mulher-morta-a-cada-6-horas.ghtml>. Acesso em: 11 nov. 2023.

FARIAS, Yasmin Morais. **O que é Afromisoginia?** Medium. Salvador, 2018. Disponível em: <https://medium.com/@yasminescritora/o-que-%C3%A9-afromisoginia-18d451c1715>. Acesso em: 31 jul. 2024.

FERREIRA, Gabriela. **TikTok é a rede social do momento**. Kondzilla. 2019. Disponível em: <https://kondzilla.com/tiktok-e-a-rede-social-do-momento/>. Acesso em: 19 ago. 2024.

FREIRE, Raquel. **Quem é o criador do TikTok? Cinco fatos sobre a ByteDance**. TechTudo. 2020. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/listas/2020/07/quem-e-o-criador-do-tiktok-cinco-fatos-sobre-a-bytedance.ghtml>. Acesso em: 9 dez. 2023.

G1. **Musical.ly: O que é a rede social de vídeos e como funciona**. G1. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/musically-o-que-e-a-rede-social-de-videos-e-como-funciona.ghtml>. Acesso em: 19 ago. 2024.

GILL, Flora. **Why the Stay-At-Home-Girlfriend trend is deeply problematic**. The Standard. 2023. Disponível em: <https://www.standard.co.uk/lifestyle/stay-at-home-girlfriend-trend-dangerous-social-media-b1053515.html>. Acesso em: 9 dez. 2023.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Editora Schwarcz - Companhia das Letras, v. 3, f. 257, 2020. 513 p.

GONÇALVES, Juliana Soares. **Novas estéticas para estruturas antigas: tecnologias, próteses de gênero e textualidades do mandato de masculinidades**. Minas Gerais, v. 1, 2021. 226 p Tese (Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal de Minas Gerais.

GRAHAM, Dee L. R; RAWLINGS, Edna I; RIGSBY, E Roberta K. **Amar para Sobreviver: Mulheres e a Síndrome de Estocolmo Social**. Tradução Mariana Coimbra. São Paulo: Cassandra, v. 1, 2021. 383 p.

HORROCKS, Roger. **Masculinity in Crisis: Myths, Fantasies, and Realities**. Palgrave Macmillan, f. 105, 1994. 210 p.

JENU, Laianna. **Movimento Red Pill expõe misoginia e machismo nas redes sociais**. DW. 2023. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/movimento-red-pill-exp%C3%B5e-misoginia-e-machismo-nas-redes-sociais/a-64985973#:~:text=Schutz%2C%20que%20na%20verdade%20se,ativa%2C%20com%20342%20mil%20seguidores..> Acesso em: 5 ago. 2024.

LATOURE, Bruno. **Reagregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede**. Salvador/Bauru: Edufba/Edusc, 2012. 399 p.

LERNER, Gerda. **A Criação do Patriarcado: História da Opressão das Mulheres pelos Homens**. Editora Cultrix, f. 200, 2020. 400 p.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A estetização do mundo: Viver na era do capitalismo artista**. Editora Companhia das Letras, v. 3, f. 184, 2015. 367 p.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. *In*: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. BAZAR DO TEMPO PRODUÇÕES E EMPREENDIMIENTOS CULTURAIS LTDA, 2020. 409 p. cap. 2. 58 p.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação Científica - Práticas de fichamentos, resumos, resenhas**. São Paulo: Atlas, 2000.

MINISTÉRIO DA COMUNICAÇÃO. **Aumenta para 90% o número de domicílios com internet no Brasil**. Ministério da Comunicação. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mcom/pt-br/noticias/2022/setembro/aumenta-o-numero-de-domicilios-com-internet-no-brasil#:~:text=Dados%20da%20Pesquisa%20Nacional%20por,%2C0%25%20dos%20lares%20brasileiros..> Acesso em: 11 ago. 2023.

MUNDO EDUCAÇÃO. **Feminicídio: lei, tipo, pena, ocorrência no Brasil**. UOL. 2023. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/sociologia/feminicidio.htm>. Acesso em: 10 dez. 2023.

NATANSOHN, Graciela. **Against Internet Coloniality: Notes on Misogyno-Racist Violence on the Internet**. In: Avantika Tewari and Amshuman Dasarathy (Eds) *Feminist Perspectives on Social Media Governance*. ITForChange/InternetLab. 2022, p. 125-134. Disponível em: https://itforchange.net/sites/default/files/2291/ITFC_Feminist%20Perspectives%20on%20Social%20Media%20Governance_0.pdf. Acesso em: 1 jul. 2024.

NIEVA, Richard. **Algoritmo do TikTok permite monitorar teclas de usuários, aponta pesquisa**. Forbes Tech. 2022. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-tech/2022/09/algoritmo-do-tiktok-permite-monitorar-teclas-de-usuarios-aponta-pesquisa/#:~:text=Quando%20os%20usu%C3%A1rios%20do%20TikTok,pesquisa%20compartilhada%20com%20a%20Forbes>. Acesso em: 8 out. 2023.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina**, f. 24. 1999. 47 p.

ROSA, Giovanni Santa. **Aumento de 54% no tempo de tela mostra piora em estilo de vida na pandemia**. Tecnoblog. 2021. Disponível em: <https://tecnoblog.net/noticias/2021/10/13/aumento-de-54-no-tempo-de-tela-mostra-piora-em-estilo-de-vida-na-pandemia/>. Acesso em: 25 jun. 2023.

SCHOBA, Thiago da Cruz. **Thiago Schutz – Livro Pílulas de Realidade e Manual Red Pill**. Thiago Schutz. 2021. Disponível em: <https://thiagoschutz.com/>. Acessado em: 25 jun. 2023.

SILVA, Victor Hugo. **TikTok é a principal rede social utilizada por crianças e adolescentes no Brasil, diz pesquisa**. G1. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2022/08/16/tiktok-e-a-principal-rede-social-utilizada-por-criancas-e-adolescentes-no-brasil-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 10 jul. 2023.

SMITH, Ben. **How TikTok Reads Your Mind**. New York Times. 2021. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2021/12/05/business/media/tiktok-algorithm.html>. Acesso em: 15 ago. 2023.

TERRA. **Como reconhecer o negging nas relações e reagir a ele**. Terra. 2024. Disponível em: <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/como-reconhecer-o-negging->

nas-relacoes-e-reagir-a-ele,b8599d60b78d4d35ab2964ef9b2bac249vryftad.html. Acesso em: 9 ago. 2024.

THE MASK you live In (The Mask). Jennifer Siebel Newsom. . Netflix, 2015. Documentário (91). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PQbIkHdIE7M>. Acesso em: 20 ago. 2024.

TIK TOK LTDA. **Community guidelines**. Tik Tok Ltda. 2024. Disponível em: <https://www.tiktok.com/community-guidelines/pt>. Acesso em: 16 ago. 2024.

TIK TOK LTDA. **Termos de Serviço**. Tik Tok Ltda. 2023. Disponível em: <https://www.tiktok.com/legal/page/row/terms-of-service/pt-BR>. Acesso em: 15 jul. 2024.

TOMAZ, Kleber. **Justiça de SP suspende por dois anos processo contra Thiago Schutz por ameaça e violência psicológica contra atriz e cantora**. G1. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/11/09/justica-de-sp-suspende-por-dois-anos-processo-contrathiago-schutz-por-ameaca-e-violencia-psicologica-contratriz-e-cantora.ghtml>. Acesso em: 25 jul. 2024.

UESC, Site. **'X', antigo Twitter, é bloqueado no Brasil: Entenda o contexto político**. UESC. 2024. Disponível em: <https://www.bing.com/search?q=Pós%20uesc%20x%2C%20antigo%20twitter%2C%20é%20bloqueado%20no%20Brasil%3A%20entenda%20o%20contexto%20político&qsn&form=QBRE&sp=1&ghc=1&lq=1&pq=pós%20uesc%20x%2C%20antigo%20twitter%2C%20é%20bloqueado%20no%20brasil%3A%20entenda%20o%20contexto%20político&sc=0-78&sk=&cvid=FE0E398E701244D682991B2CBBDE87C2&ghsh=0&ghacc=0&ghpl=>. Acesso em: 15 oct. 2024.

VAREJÃO, Adriana *et al.* **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, v. 3, f. 238, 2020. 475 p.

VILAÇA, Gracila. **Coach de assédio? A rede masculinista que abraça Thiago Schutz**. 2023. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/ensaio/2023/03/04/Coach-de-ass%C3%A9dio-A-rede-masculinista-que-abra%C3%A7a-Thiago-Schutz>. Acesso em: 9 nov. 2023.

VOGUE BRASIL. **Djamila Ribeiro fala sobre ação contra o Twitter após ameaça à filha: "Estão lucrando com o racismo"**. Vogue Brasil. 2020. Disponível em: <https://vogue.globo.com/atualidades/noticia/2020/08/djamila-ribeiro-fala-sobre-acao-contrao-twitter-apos-ameaca-filha-estao-lucrando-com-o-racismo.html>. Acesso em: 12 dez. 2023.

WEBCOMPANY LTDA. **Qual é o público do Tik tok no Brasil?**. WEBCOMPANY Ltda. 2023. Disponível em: . Acesso em: 11 ago. 2023.

YEUNG, Jessie; WANG, Selina. **Entenda por que o TikTok, que é chinês, não existe na China**. CNN Brasil. 2023. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/entenda-por-que-o-tiktok-que-e-chines-nao-existe-na->

[china/#:~:text=Em%20vez%20disso%2C%20h%C3%A1%20uma,chave%20para%20seu%20sucesso%20global](https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/entenda-por-que-o-tiktok-que-e-chines-nao-existe-na-china/#:~:text=Em%20vez%20disso%2C%20h%C3%A1%20uma,chave%20para%20seu%20sucesso%20global). Acesso em: 1 ago. 2024

ZANELLO, Valeska. **Saúde Mental, Gênero e Dispositivos: Cultura e Processos de Subjetivação**. Curitiba: Editora Appris, v. 3, f. 163, 2018. 326 p.